ENTREVISTA
Elbia Gannoum, CEO da Abeeólica: "Brasil é potência em energia limpa, mas a baixa demanda preocupa"

TEMPESTADE ECONÔMICA
Tragédias como a do Rio Grande do Sul, que devem reduzir PIB em 1,9% até 2025, provam que o País precisa se planejar

BATATA AQUECIDA
Com receita de R$ 3,5 bilhões e 53% do mercado de fritas, a Bem Brasil investe R$ 1 bilhão para crescer



ISTOÉ Dinheiro

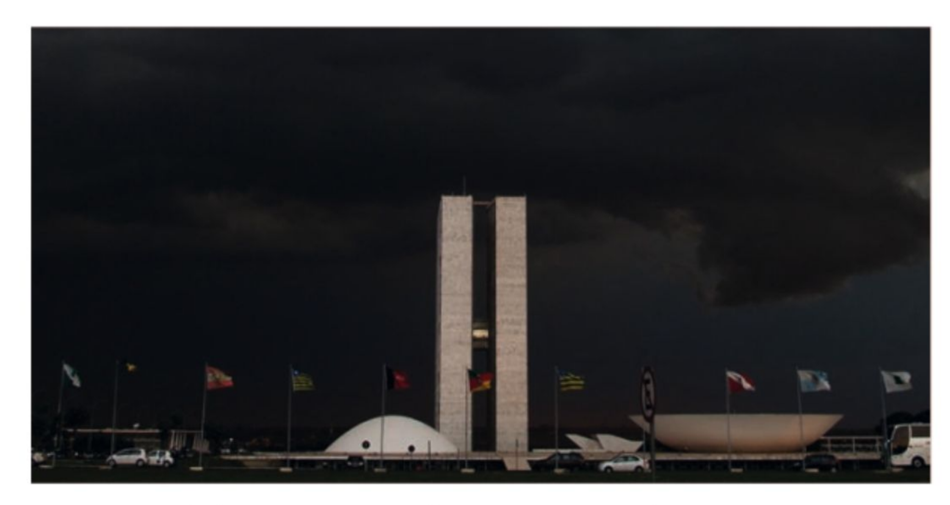
HAPVIDA: A NOVA GIGANTE DA SAÚDE

Operadora conclui neste ano a integração com a NotreDame Intermédica, torna-se a maior da América Latina e planeja investir R$ 1,5 bilhão com a construção de hospitais próprios em São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco. Saiba como a companhia que fatura R$ 27,4 bilhões pretende liderar o mercado cada vez mais complexo dos planos médicos

"Temos um modelo verticalizado e integrado, com ferramentas tecnológicas próprias"

JORGE PINHEIRO
CEO DA HAPVIDA


Premiação MBPI 2023, em fundos de investimentos, divulgada pela revista IstoÉ Dinheiro
(ranking dos últimos 12 meses de 2023, com critérios diferentes do ranking normal FGV).
Recomendações de acordo com seu perfil. Saiba mais em banco.bradesco/investir.
Autorregulação
ANBIMA
Distribuição de Produtos
de Investimento



CHUVA NO SUL, TEMPESTADE EM BRASÍLIA

Foi uma tragédia anunciada. Não a catástrofe climática no Rio Grande do Sul, mas a turbulência política na maior empresa brasileira. A demissão de Jean Paul Prates na Petrobras já era esperada há meses, e sua cabeça era pedida por nove entre dez petistas. Apesar de também pertencer ao partido, Prates era o maior defensor de uma visão "pró-mercado" na estatal, na contramão do desejo do presidente Lula e de seus principais auxiliares de usar a petroleira para promover políticas públicas e dar uma mãozinha nas contas do governo.

Já há uma intervenção disfarçada nos preços dos combustíveis, que estão defasados em relação aos valores praticados no exterior, ainda que esse controle esteja muito longe do tabelamento praticado na gestão Dilma Rousseff. O governo já anunciou que voltará a investir nas refinarias que viraram sinônimo de escândalo na década passada (e levaram a companhia a ocupar a posição de mais endividada do planeta). Além disso, insiste em colocar na gestão de estatais políticos e companheiros. É evidente que há uma sensação de "déjà vu" no terceiro mandato de Lula, no pior sentido da expressão. A reação imediata na Bolsa, com as ações da Petrobras despencando, é o prenúncio de ainda mais mau humor entre investidores.

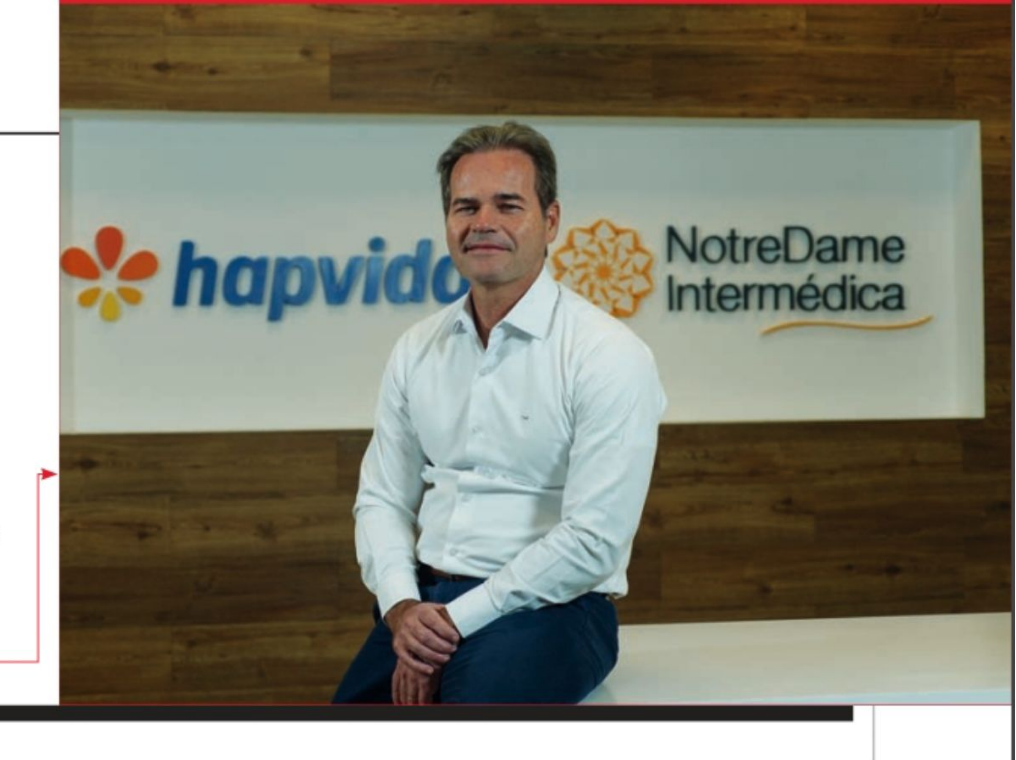
E isso aconteceu mesmo após Fernando Haddad ter botado água na fervura da crise que vinha consumindo ministros palacianos e Prates nos últimos meses. O ministro da Fazenda colocou um representante seu no Conselho da Petrobras e abriu caminho para um pagamento parcial de dividendos extras nas últimas semanas, o que acalmou acionistas e apontava para uma gestão mais profissionalizada na companhia. Os próximos dias mostrarão se Haddad ainda manterá influência sobre os rumos da petroleira, ou se os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Silveira (Minas e Energia) definitivamente mudarão a sua administração. No fundo, o resultado dessa briga antecipa de certa forma o próprio destino de Haddad, que também enfrenta fogo amigo por defender a responsabilidade com as contas públicas. Seu Arcabouço Fiscal está fragilizado, e muitos especialistas acham que é uma questão de tempo para também essa política, que nunca esteve na agenda do PT, naufragar.

Lula adiou esse desfecho por causa da queda na sua popularidade registrada pelos principais institutos de pesquisa. Tem mostrado irritação com seus ministros, além de cobrar publicamente resultados. Aparentemente essa sangria na percepção pública sobre o presidente foi estancada, e os últimos índices mostram estabilidade, o que não significa exatamente uma boa notícia para o Planalto. A economia sem dúvida é uma das âncoras da atual gestão, e uma mudança de rumo em uma das áreas que estava sustentando o governo pode antecipar problemas para o mandatário — e para o País.

Atualmente, há nuvens em formação sobre o prédio do Banco Central. O presidente da instituição, Roberto Campos Neto, deixará seu posto até o final do ano. Ele é o principal defensor da política de juros altos, que tem garantido a inflação controlada. Lula quer derrubar a Selic e acelerar a economia, diminuindo a cautela com a inflação. Essa política já levou a um desastre de proporções catastróficas na última década. Será que os economistas e seus alertas serão ignorados também nesse caso, assim como os ambientalistas que previram o desastre no Sul?

Marcos Strecker
Diretor de Núcleo

Índice









CAPA Foto: Marco Ankosqui

PETROBRAS

OITO PRESIDENTES EM OITO ANOS

A demissão de Jean Paul Prates da Petrobras amplia uma longa lista de trocas no comando da maior empresa brasileira em valor de mercado: a estatal chegará à marca de oito presidentes em um período de oito anos. Foram dois nomes durante a gestão Michel Temer (PMDB); quatro no governo Jair Bolsonaro (PL); e agora dois sob Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A saída de Jean Paul Prates não chegou a surpreender o mercado, que acompanhava a tensão entre o comandante da petroleira com o presidente Lula. O timing foi esperar divulgação do balanço, aproveitar a baixa das ações diante da queda de 38% no lucro líquido, e tirar Prates da cadeira (bem ao estilo Maquiavel: faça todo o mal de uma vez, e o bem aos poucos). A indicada para assumir a vaga é Magda Chambriard, que ainda precisa ser aprovada no Conselho de Administração da companhia. A saída de Prates e de mais dois diretores já foi ratificada pela estatal no dia 15. Com a incerteza sobre o futuro, a companhia perdeu R$ 35,3 bilhões em valor de mercado, atingindo R$ 507 bilhões no total. O medo da interferência política nas decisões da companhia, por ora, assusta mais que o balanço não tão positivo. (*Leia mais na página 62*).

GUERRA COMERCIAL

EUA armam pacote anti-china

Depois de algumas semanas da calmaria, os Estados Unidos voltaram a agir para diminuir a participação chinesa nas terras de Tio Sam. Na terça-feira (14) foi anunciado um pacote de aumento de tarifas sobre os produtos chineses ligados à tecnologia, como veículos elétricos, semicondutores, baterias, células solares, aço e alumínio. Os americanos afirmam que a China promove "riscos inaceitáveis" à segurança econômica por conta do que consideram práticas injustas de concorrência, que deixam os produtos chineses mais baratos do que a média e roubam fatias dos mercados globais.A China imediatamente prometeu retaliação. O Ministério do Comércio chinês disse que o país se opõe aos aumentos tarifários dos EUA, e que tomará medidas para defender os seus interesses.

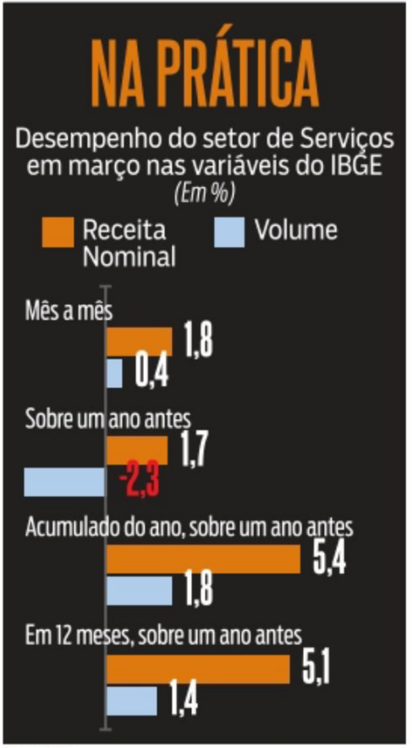
PRINCIPAIS MUDANÇAS

- ☑ VEÍCULOS ELÉTRICOS PASSAM DE 25% PARA 100% (4 VEZES MAIS)
- ☑ SEMICONDUTORES PASSAM DE 25% PARA 50% (2 VEZES MAIS)
- ☑ PLACAS SOLARES PASSAM DE 25% PARA 50% (2 VEZES MAIS)
- ☑ AÇO E ALUMÍNIO PASSAM DE 0% PARA 25% (MAIS DE 3 VEZES MAIS)

IBGE

Setor de Serviços recupera o fôlego

O setor de Serviços avançou 0,4% em março, depois de cair 0,9% no mês anterior. Com o resultado, a taxa ficou 12,1% acima do nível registrado no período da pré-pandemia, em fevereiro de 2020 e 1,5% abaixo do ponto mais alto da série histórica, em dezembro de 2022, informou o IBGE na terça-feira (14). Na comparação do acumulado para o primeiro trimestre de 2024, com igual período de 2023, o setor apresentou crescimento de 1,2%. Já nos últimos 12 meses, a alta é de 1,4%. De acordo com o gerente da pesquisa, Rodrigo Lobo, as altas de um conjunto de serviços investigados dentro de serviços de tecnologia da informação são o motivo da expansão (+4%), com foco no desenvolvimento e licenciamento de software, portais, provedor de conteúdo e ferramenta de busca da internet e consultoria em TI. Desde janeiro de 2017 que a atividade não tinha um avanço tão intenso. Naquele momento, a alta atingiu 8,2%. Outro comportamento positivo, em março, é que o setor também alcançou o patamar mais alto da série histórica.



Fonte: IBGE

TERMÔMETRO

Melhora nas expectativas

Relatório de Mercado Focus divulgado na segunda-feira (13), pelo Banco Central elevou a projeção para o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 2024. A mediana para a alta da atividade deste ano passou de 2,05% para 2,09%, ante 1,95% de um mês atrás. Considerando apenas as 27 respostas nos últimos cinco dias úteis, a estimativa para o PIB no fim de 2024 passou de 2,10% para 2,02%. Para 2025, o documento trouxe manutenção na estimativa de crescimento do PIB em 2%, como já está há 22 semanas. Considerando as 26 respostas nos últimos cinco dias úteis, a estimativa para o PIB de 2025 também seguiu em 2%.



INTERNACIONAL

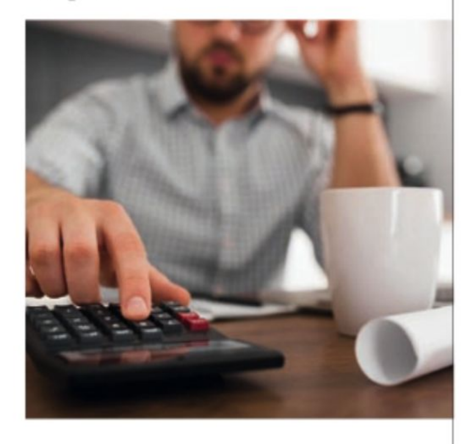
FMI e o sinal verde para Argentina

O FMI incluiu outros US$ 800 milhões no pacote de empréstimo para a Argentina, de US$ 44 bilhões, firmado em 2018, pelo então presidente Maurício Macri. O aumento funcionou como endosso à política austera e de choque econômico promovida pelo atual presidente, Javier Milei. O dinheiro dará tempo à Argentina para pagar seus credores enquanto o novo governo decide se mantém o atual programa de socorro com o FMI ou se negocia um acordo em outros termos. "Com base no desempenho melhor do que o esperado no primeiro trimestre — todos os critérios de desempenho foram cumpridos com margens —, a equipe do FMI e as autoridades argentinas chegaram a entendimentos sobre políticas para continuar a consolidar o processo de desinflação, reconstruir as reservas externas, apoiar a recuperação e manter o programa no caminho certo", escreveu a equipe do Fundo em comunicado na segunda-feira (13).

INADIMPLÊNCIA

Desenrolando pequenos e médios

Dando continuidade ao plano de liberar o crédito e estimular a economia, começou na segunda-feira (13) a renegociação das dívidas de pequenas e médias empresas com faturamento de até R$ 4,8 milhões com os bancos. Serão renegociadas dívidas não pagas até 23 de janeiro de 2024. Essa renegociação é importante para que o pequeno empreendedor e o empreendedor individual possam obter recursos para manter as suas atividades. A ação faz parte do Programa Desenrola Pequenos Negócios, uma iniciativa do Ministério da Fazenda, Ministério do Empreendedorismo, da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte com o apoio da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). Essa parcela atendida é a mesma que precisa de ajuda para renegociar as dívidas e obter recursos para manter as atividades.





FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA
CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO
CACO ALZUGARAY



DIRETOR EDITORIAL
CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO
MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE
HUGO CILO

EDITORES: Beto Silva, Paula Cristina e Sérgio Vieira
REPORTAGEM: Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes, Letícia Franco e Patrícia Basilio

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br
Secretária da diretoria de publicidade: Regina Oliveira - **Contato:** reginaoliveira@editora3.com.br
Diretor de Arte: Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br
ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP



POR HUGO CILO

BENEFICÊNCIA PORTUGUESA CURA E ENSINA

Com 165 anos de existência, o grupo hospitalar Beneficência Portuguesa (BP) vai se tornar instituição de ensino superior. A companhia acaba de receber sinal verde do Ministério da Educação (MEC) para oferecer graduação nas áreas de enfermagem, medicina e psicologia. A universidade, no bairro paulistano do Paraíso, recebeu investimento de R$ 70 milhões e tem como meta faturar R$ 250 milhões nos próximos cinco anos — assim que a primeira turma estiver se formando. A cifra vai representar algo próximo a 10% da receita do grupo, que chegou a R$ 2,4 bilhões no ano passado. Segundo **Denise Santos**, CEO da BP, a boa reputação da marca na área hospitalar será a credencial para atrair alunos. A expectativa é chegar a 2,5 mil estudantes nos próximos dez anos. "Assim como estamos em posição de destaque no ranking dos mais renomados grupos hospitalares do País, não temos dúvidas de que estaremos no topo também da excelência na formação de profissionais para a saúde", afirmou. Essa busca pela excelência passa pelo intercâmbio da BP com universidades internacionais. Hoje existem parcerias e convênios com instituições como Harvard University, dos EUA (Cardiologia), Institute of Medical Biology of Polish Academy of Sciences, da Polônia (Neurologia), Instituto Champalimaud, de Portugal (Oncologia), Instituti Charité, da Alemanha (Ginecologia), e Universidad de La Frontera, do Chile (Doenças Metabólicas). Outra estratégia da universidade da BP será o financiamento dos cursos para os alunos. A própria instituição vai buscar parcerias, privadas e públicas, para garantir o acesso, principalmente em medicina. "Tão importante quanto garantir uma altíssima qualidade no ensino é desenvolver formas de financiamento dos cursos, principalmente com empresas que tem interesse em formação de profissionais qualificados para a sustentação do negócio nas próximas décadas."





SETOR CALÇADISTA COM O **PÉ NA LAMA**

Após excelente primeiro trimestre, com a criação de 6,57 mil vagas, o setor calçadista gaúcho mapeia o tamanho do estrago da enchente no estado na cadeia de suprimentos do setor. À MOEDA FORTE, o presidente da Abicalçados, **Haroldo Ferreira**, afirmou que será grande. "Sabemos que o impacto é muito forte na cadeia produtiva." Maior exportador e segundo maior produtor de calçados do País, o Rio Grande do Sul possui 1,8 mil empresas de calçados que empregam, diretamente, mais de 85 mil pessoas. A entidade já disparou uma pesquisa aos associados para entender os prejuízos e buscar estratégias para a reconstrução do ecossistema calçadista do Rio Grande do Sul.



 | FOTOS: KARIJN KAKEBEEKE | CLAUDIO GATTI | DIVULGAÇÃO

NA ONDA DOS **NANOEMPRÉSTIMOS**

A CloQ, fintech de análise de crédito especializado em nanocrédito (R$ 100 a R$ 500), superou a marca de 10 mil operações em todo o Brasil e chegou a 70 mil cadastrados em sua plataforma. Fundada em 2018, a empresa enxerga imenso potencial de crescimento nos próximos anos, segundo **Rafaela Cavalcanti**, cofundadora e CEO da fintech. "Na CloQ, vivenciamos diretamente o impacto da exclusão financeira e, por isso, buscamos ajudar a transformar o Brasil", disse a executiva pernambucana. "Quando opções de juros abusivos, como o rotativo do cartão, são o que restam para essas pessoas, os usuários ficam presos em um ciclo perigoso de dívidas, do qual é difícil escapar."



FRIBOI APOSTA NO **CHURRASCO** E **CERVEJINHA**

Uma das principais marcas da JBS, a Friboi quer aproveitar a alta no consumo de carnes para avançar no mercado de produtos para churrasco com a linha Maturatta, que entrou no ramo de linguiças. O objetivo é reproduzir o sucesso da categoria de hambúrgueres (que cresceu 139% em vendas no ano passado) e tornar as linguiças um item ainda mais tradicional no churrasco do brasileiro. "Realizamos uma série de pesquisas para sermos certeiros em cada marca", disse **Anne Napoli**, diretora de marketing da Friboi. "Temos feito grande trabalho de divulgação da marca Maturatta, que é focada em churrasco." Agora é só esquentar a churrasqueira!



COMBUSTÍVEL, MANUTENÇÃO E **CONFORTO**

Consumo de combustível, custo de manutenção, além de espaço e conforto são importantes na hora de comprar um automóvel. As três características foram apontadas por pelo menos seis em cada dez consumidores entrevistados. É o que mostra a pesquisa da OLX, maior classificado de autos do País. O carro dos sonhos mais citado é o tradicional e que dura bastante tempo, alternativa sinalizada por 20% dos respondentes. Os ecofriendly, como os elétricos, foram mencionados por 6% dos entrevistados. O estudo revela ainda que 74% dos respondentes acreditam que a inteligência artificial pode tornar os veículos mais seguros. "A geração nascida entre 1945 e 1964, é a maior interessada em automóveis com IA: 86% deles consideram comprar um carro com a tecnologia, sendo 30 pontos percentuais acima da média em relação às outras gerações", disse **Flávio Passos**, vice-presidente da OLX. "No geral, quase três quartos dos entrevistados acreditam que a IA pode ser útil no aumento da segurança dos veículos."

A TESE DE QUE O PIX DESTRUIRIA O MERCADO DE CARTÕES NÃO TEM SE CONFIRMADO. AO MENOS, POR ENQUANTO. CONFIRA OS NÚMEROS DA ASSOCIAÇÃO DO SETOR, A ABECS:



11,4% foi a alta do uso de cartões de crédito, débito e pré-pagos no primeiro trimestre



R$ 965 bilhões foi o total movimentado em compras



27,9% foi o crescimento dos pagamentos com cartões pré-pagos (**R$ 88,5 bilhões**)



14,4% foi a alta na modalidade crédito (**R$ 635,2 bilhões**)



-0,4% foi o resultado na modalidade débito (**R$ 241,2 bilhões**)


Fonte: Abecs



ENTREVISTA | **Elbia Gannoum**, presidente da Associação Brasileira de Energia Eólica

"O Brasil virou potência em energia limpa, mas a baixa demanda preocupa"

A executiva afirma que o País precisa criar um ambiente favorável aos investimentos no setor eólico, especialmente em geração offshore, para garantir a energia renovável nas próximas décadas

Hugo CILO

Um dos mais promissores negócios em geração de energia elétrica no País, o setor eólico entrou em estado de alerta nos últimos meses. O excesso de eletricidade disponível e a consequente queda nos preços levou muitos investidores a adiarem seus projetos. Depois de registrar R$ 35 bilhões em investimentos em 2023, as eólicas deverão receber R$ 21 bilhões neste ano, segundo projeção da Associação Brasileira de Energia Eólica (Abeeólica). Em entrevista à DINHEIRO, a presidente da entidade, Elbia Gannoum, afirma que a turbulência temporária do setor contrasta com o imenso potencial de crescimento nos próximos anos. Junto com a energia solar, as eólicas tendem a assumir a maior fatia da matriz energética a partir de 2030, ajudando o Brasil a se consolidar como potencial global em energias limpas. Confira, a seguir, a entrevista:

DINHEIRO — O setor de energia eólica no Brasil parece estar perdendo velocidade. Existe algum entrave para o crescimento?

ELBIA GANNOUM — Não posso afirmar que a velocidade do crescimento da eólica reduziu, em uma análise histórica. Se olharmos para os números da eólica no ano passado, batemos recorde de instalação. E houve um crescimento exponencial nos últimos anos. Por outro lado, o que a gente percebe, em uma análise de curtíssimo prazo, é que tivemos uma redução na velocidade do ano passado para cá. Só que essa desaceleração não é percebida imediatamente. Como em todas as áreas da infraestrutura, os efeitos da redução dos investimentos agora aparecem só uns dois anos depois. Então, lá para 2025 ou 2026 vamos notar a redução dos investimentos em 2024.

O que explica essa desaceleração dos investimentos desde o ano passado?

Falta demanda no Brasil. O setor está percebendo que a busca por novos contratos de energia está baixa. O mercado regulado, que já foi um grande contratador até 2017 e 2018, reduziu por duas razões. Primeiro, pela redução da demanda associada à crise econômica. Quando o PIB brasileiro não cresce ou cresce pouco, a demanda por energia também não cresce. Aí não há contratação. O segundo fator, que é o mais importante, é que houve uma abertura de mercado. A contratação no mercado livre daquele grande consumidor, que escolhe de quem ele vai comprar, qual energia vai comprar, é que sustenta as contratações de eólica desde 2018. E essas empresas têm pautas fortes de ESG. Desde o segundo semestre de 2022, houve também uma redução no ritmo de contratação do mercado livre. As empresas que estavam sustentando o crescimento dos contratos reduziram a velocidade da contratação.

Mas a tendência no médio prazo não é demanda voltar?

Sim. Mas, por enquanto, o Brasil tem energia de sobra. A gente tem excedente de energia e de projetos. Aqui na associação, temos uns 30 gigawatts de projetos para vender. Isso afetou a precificação também. O preço da energia estava muito barato. Então, isso também prejudicou novos investimentos. Só que essa sobra de energia é muito temporária. Neste momento, em maio de 2024, a gente já está vendo uma retomada desses contratos. Assim, ficamos um ano e meio com a redução de ritmo dos contratos e agora a gente está vendo uma retomada dessa contratação. Uma boa notícia.

> No ano passado, foram investidos R$ 35 bilhões, ou R$ 7 bilhões para cada giga. Neste ano, talvez a gente alcance R$ 21 bilhões"

Quais são os números?

No ano passado, foram investidos R$ 35 bilhões, o equivalente a R$ 7 bilhões para cada giga. Neste ano, talvez a gente alcance R$ 21 bilhões. A redução será sentida no futuro. O fato é que o Brasil virou uma potência em energia limpa e renovável, mas a baixa demanda preocupa.

O cenário de forte estiagem no Sudeste, que deve afetar a produção hidrelétrica no segundo semestre, não favorece as eólicas?

Com certeza. Se houver alguma mudança no clima, e a gente está prevendo que vai haver uma seca severa, as hidrelétricas terão de reduzir a geração. Aí estaremos do outro lado do pêndulo. Então, se tivermos um cenário de escassez de energia e preço alto, a procura por contratos tende a subir. Essa é a natureza do nosso mercado.

A disputa entre Brasil e Paraguai na questão das tarifas de Itaipu faz sentido em um cenário de excedente energia no Brasil?

É exatamente por estar com energia de sobra que o governo brasileiro está mais duro na negociação e se recusando a pagar mais pelo excedente do lado paraguaio de Itaipu. Essa energia é importante para o País, mas não neste momento de sobra de energia. Há muitos projetos de eólicas e solares pipocando no Brasil inteiro.

Solar e eólica têm sido concorrentes na atração de investimentos?

No curto prazo, sim. Como a gente tem uma situação de uma oferta muito superior à demanda, há uma verdadeira briga entre eólica e solar no curto prazo. Só que quando a gente estende a base para médio e longo prazos, essa disputa tende a desaparecer. Uma retomada econômica, uma retomada das contratações, faz com que o mercado fique ampliado. Aí essa briga acirrada entre as fontes se reduz. Até porque daqui uma ou duas décadas quem vai determinar a oferta de energia elétrica para o País serão essas duas fontes, eólica e solar.

Vão ultrapassar a hidrelétrica na matriz?

Em 2032, a solar e a eólica juntas serão maiores que as hidrelétricas em geração. Por isso que o mercado é muito promissor para os investidores. Tudo está meio anuviado no curto prazo, mas temos de ter frieza e pensamento estratégico para entender que investimento em energia é uma decisão de longo prazo.

Quais são os fatores que podem reaquecer o setor eólico?

Precisamos ter uma razoável retomada da economia. Esse é um fator importante. Outro fator fundamental é com relação ao preço de curto prazo. Havendo tendência de aumentar, os contratos voltam. Estou conversando com investidores, com donos de parques eólicos e comercializadores de energia. Todos eles estão dizendo que os contratos já estão voltando.

No futuro, o Brasil precisará ter parques eólicos offshore [em alto mar], mesmo com custos de instalação e operação muito superiores?

Se o Brasil pensasse que não precisava de eólica, lá em 2004, não tinha feito os primeiros projetos eólicos que hoje determinam a oferta de energia e a posição do Brasil no cenário internacional enquanto provedor de energia. Se o Brasil pensasse assim, não teria feito investimentos em solar em 2015 e não teria hoje a energia mais barata do Brasil, que é a energia solar. Então, não podemos pensar no curto prazo. Temos que ter visão estratégica de médio e longo prazos. Por isso, mesmo tendo no Nordeste ventos maravilhosos, com intensidade e constância, o Brasil precisa ter parques offshore.

Mas e os custos elevados?

Com as novas tecnologias e o ganho de escala, a redução será consequência. Se tomarmos a decisão de fazer offshore hoje, o primeiro projeto rodando no País será em 2030, quando o cenário de demanda e de preço deve ser muito diferente. Nos últimos três anos, o custo do offshore caiu 40%. Temos que pensar nisso hoje.

Qual é o cenário previsto para 2030?

A demanda por energia será muito maior. Imagino o Brasil num cenário de transição energética, de descarbonização da economia. Com a economia crescendo, e o Brasil como provedor de recursos renováveis para o mundo para produzir o hidrogênio, o cenário será muito mais positivo. O hidrogênio verde do Brasil vai ajudar na descarbonização da economia global. Então, quando estendemos a análise para longo prazo, a discussão sobre investir ou não em offshore não faz sentido. No mar, o vento é sempre mais forte. Mas, por enquanto, não tem nenhum projeto de offshore em estudo.

Se é tão bom, por que ainda não existe nenhum projeto?

O Brasil precisa ter uma lei que autorize os estudos e os investimentos. Várias empresas já pediram ao Ibama licença para determinadas áreas, mas os estudos não avançam porque o Ibama não dá licença para quem não tiver a titularidade da área. Como se trata de exploração de energia no mar, que é considerado um bem da União, é necessário uma autorização legal. Então, precisamos primeiro aprovar uma lei no Congresso, que está em vias de acontecer. Depois disso será feito um leilão de cessão de uso do mar, igual se faz para exploração de petróleo. Aí, o detentor daquela cessão é que vai poder estudar, pedir licença ambiental e fazer o primeiro projeto.



> A partir do momento que as fontes renováveis se tornam mais competitivas do que as fósseis no Brasil, não faz sentido subsidiar"

Quando isso deve acontecer?

Isso leva quanto tempo. Talvez a partir de 2030. Com todo esse processo de aprovar a lei, fazer leilão, fazer estudos ambientais, a partir de 2030 já podemos imaginar algum parque rodando no mar. O mundo todo está investindo muito em offshore, por razões distintas do Brasil. Os avanços tecnológicos lá fora vão permitir que os custos reduzam aqui. Nos últimos anos, foi isso o que aconteceu com a eólica e a solar também.

A projeção de crescimento da eólica e solar pressupõe que não haverá investimento em hidrelétricas mais. Esse é o horizonte?

Quem vai determinar a matriz futura do Brasil é a eólica e solar. Não teremos mais projetos de grandes hidrelétricas. Com isso, a eólica que responde hoje por cerca de 15% da potência instalada do Brasil vai para mais de 30% a partir de 2030. E as hidrelétricas, somando o PCHs e grandes hídricas, estão hoje com 58%. Com o tempo, a eólica vai aumentar a sua participação, tal como a solar. A tendência é que essa curva se inverta talvez em 2030 ou 2032, por aí. Mas não ficamos fazendo essa conta. Hoje não faz muito sentido discutir isso.

O que faz sentido?

Faz sentido discutir se o Brasil vai ter energia limpa e renovável para fazer a expansão da sua matriz e manter seus compromissos de clima. O que o Brasil tem de melhor é energia renovável, principalmente a eólica e solar. Essas fontes são as mais baratas do País. Então, além de termos esses recursos em abundância, temos esses recursos como os mais baratos. Isso dá tranquilidade para pensarmos o Brasil como um protagonista no cenário de mudanças climáticas e de transformação energética.

A senhora tem comemorando o fim dos subsídios às fontes incentivadas, como eólica, solar, biomassa e PCH. Por quê?

O subsídio existe quando há uma diferença de custo e de preço muito grande com relação à alternativa fóssil. A partir do momento que as fontes renováveis se tornaram mais competitivas do que as fósseis no Brasil, que é diferente do resto do mundo, não faz muito sentido subsidiar. A fonte renovável é mais barata e mais competitiva. Não precisamos de subsídio. S



EMPRESÁRIA EM ASCENSÃO

E UMA DAS MULHERES MAIS BEM-SUCEDIDAS DO PAÍS, **ELAINNE OURIVES** TEM TRANSFORMADO VIDAS E INSPIRADO PESSOAS ATRAVÉS DE SUAS TÉCNICAS

Jornalista Daniela Duarte

O mundo é construído de muitas histórias, algumas são inspiradoras, como é o caso desta. Elainne Ourives é, antes de tudo, uma profissional apaixonada por desenvolver e transformar a vida das pessoas. Neurocientista, doutora em Psicanálise, já transformou milhares de vidas através de suas técnicas e ensinamentos. A empresária também é reconhecida como a maior referência no Brasil e no mundo em Cocriação da Realidade, Reprogramação Mental e Frequência Vibracional, Mentoria 1000 Hertz e formação em Hertz Terapia, onde forma profissionais autorizados para aplicar técnica de sua autoria própria.

Elainne já superou um profundo processo de depressão e de cura emocional. *"Quando comecei a aprofundar meus conhecimentos sobre o poder mental, eu estava em um processo muito triste de vida. Abandonada, traída, falida, devendo quase um milhão de reais e passando fome com 3 filhos pequenos. Eu olhava à minha volta, via a vida dos outros dando certo e aquilo só me revoltava. Foi aí que estudei e aprendi sobre frequência eletromagnética e descobri o que eu estava fazendo. Todos nós temos uma coisa chamada campo eletromagnético à nossa volta e tudo aquilo que emitimos, volta para nós na mesma intensidade"*, disse.

"Eu comecei a estudar dia e noite, passava 48 horas sem dormir. Passei fome, deixei de comer para comprar livros, pedi cartão emprestado para fazer cursos, já viajei só com o dinheiro do táxi para fazer formações. Me especializei nas mais improváveis terapias e técnicas, até criar meu próprio método. No começo era por mim, pela minha vida e pela vida dos meus filhos. Quando me tornei especialista, entendi que não poderia manter esse conhecimento somente comigo, precisava levar essa informação ao mundo. Todas as técnicas que criei, testei, apliquei e comprovei eficácia em minha própria vida, comecei a testar em meus pacientes que tinham resultados até melhores que os meus e depois disseminei aos alunos. Hoje são mais de 200 mil alunos em 37 países", disse com orgulho a empresária.

Elainne é mãe de três filhos, solteira, natural do Bento Gonçalves/ Rio Grande do Sul, e tem uma história de vida extraordinária. A trajetória dela envolve simplicidade, otimismo e muita dedicação. Assim, chegou ao topo do sucesso e foi a primeira mulher a fazer 8 dígitos de faturamento em 7 dias, em um único lançamento. Já faturou múltiplos dígitos em 24 horas.

Há mais de 26 anos atua como pesquisadora nos campos da Reprogramação Mental, Física Quântica e Neurociência. Os métodos criados por ela são exclusivos e patenteados, construídos através de anos de estudo e já foi aplicado em sua própria vida. *"Você é capaz de mudar até mesmo o modo como o seu cérebro aprende, tendo a oportunidade, inclusive, de superar qualquer doença, disfunção ou diagnóstico médico. É sobre essa transformação que ensino as pessoas para que tenham qualidade de vida e sucesso em todas as áreas de sua vida"*, disse a empresária.

São mais de 2 milhões de seguidores em suas redes. Possui mais de 400 livros digitais publicados. Atualmente, são 260 mil alunos em seus cursos, sendo mais de 100 mil apenas no Treinamento Holo Cocriação®, espalhados por 37 países.

Elainne Ourives, é autora best-seller dos livros: DNA Milionário® (2019); DNA da Cocriação® (2020); DNA Revelado das Emoções® (2021), Cocriador da Realidade (2022); Algoritmos do Universo (2022), Taqui-Hertz® (2022), O Meu Ano de Gratidão (2023), Gene da Juventude (2023) e Visualização Holográfica (2023). Ainda possui mais 200 livros digitais em suas plataformas de conteúdos pagos e gratuitos.

A principal marca de Elainne é a sua paixão por pessoas, processos e resultados. Uma empresária visionária que tem como missão de vida apoiar os indivíduos para que possam encontrar o seu próprio caminho para uma vida com propósito e realizações extraordinárias. *"Minha visão é expandir minha mensagem a nível global, levando essa informação ao maior número de países, o que automaticamente gera a minha missão, que é transformar milhões de vidas, aumentar a frequência vibracional da população e despertar a consciência da humanidade"*, concluiu.

"Me reconheço como uma mulher forte, empreendedora e determinada. Uma treinadora e reprogramadora mental que tem o conhecimento e a expertise para ajudar a mudar rapidamente a vida das pessoas, e esse trabalho está validado pelos resultados que obtive com a transformação da minha própria vida e mais de 120 mil alunos. O conselho que dou é que as pessoas treinem a mente para o sucesso e vivam o agora com muito prazer e satisfação", concluiu.

Seus cursos, palestras, mentorias, treinamentos e produtos digitais, tem alcançado pessoas de várias idades e nacionalidades. Para acompanhar todo o sucesso empresarial dessa mulher brilhante, siga-a nas redes sociais: @elainneourivesoficial / www.elainneourives.com.br

Estação móvel de chope leva água p

Para ampliar o suporte às pessoas que que foram afetadas pelas tragédias climáticas no Rio Grande do Sul, a gigante de bebidas Heineken disponibilizou sua estação móvel de chope da marca, a Beer Station, para distribuição de água potável à população de Porto Alegre. A ação teve início no último dia 8 de maio, em parceria com a Defesa Civil. O reabastecimento contínuo da unidade está sendo realizado na cervejaria de Igrejinha (RS). A companhia também está transferindo parte de seu volume da água Schin



COMUNICAÇÃO INCLUSIVA

UM GUIA QUE AJUDA A **RESPEITAR O SER HUMANO**

Liderada por Liliane Rocha, a consultoria de diversidade e sustentabilidade Gestão Kairós lançou um guia de comunicação inclusiva, reunindo soluções, dicas, métodos e processos da forma de se expressar na prática cotidiana. O documento explica, por exemplo, que não dá para centralizar o diálogo sempre no gênero masculino. Em vez de usar 'pesquisa para diretores da empresa', o ideal seria 'pesquisa para a diretoria da empresa'. Ou trocar 'reunião de pais' por 'reunião com responsáveis'. Também indica o que não dizer para mulheres, pessoas negras, amarelas, LGBTQPIAN+, pardas, e pessoas com deficiência.

Na prática, o guia recomenda o respeito ao ser humano. "A comunicação inclusiva passa pela temática empresarial, mas não apenas para esse público. Esse tema diz respeito a todos nós", disse Liliane à DINHEIRO. "Hoje há uma sociabilização pautada em discriminação e preconceito e muita gente perde essa capacidade de interação genuína." Para a fundadora da gestão Kairós, a linguagem inclusiva muda a produtividade no ambiente de trabalho. "Ela aumenta o engajamento, o senso de pertencimento de equipe e posiciona a empresa dentro dos parâmetros ESG", afirmou.



PROJETO CULTURAL GRATUITO

O **INCENTIVO À LEITURA** POR MEIO DO RIO

A importância afetiva e ambiental dos rios é o tema do projeto *O rio que nasce da minha cabeça*, que promove a leitura de obras e expressões artísticas em praças, escolas e bibliotecas, e que terá uma próxima etapa em Salesópolis (SP), de 7 a 9 de junho. O objetivo é ativar o hábito da leitura em crianças e público em geral por meio de experiências culturais que reúnem literatura, teatro, músicas e outras formas de manifestação. "O tema condutor é o rio, recurso fundamental à existência e que

a potável a Porto Alegre

produzido na unidade de Alagoinhas (BA) para ajudar as vítimas do Sul. No total, mais de 300 mil litros de água já foram direcionados, em uma mobilização que não há prazo para ser encerrada. Além disso, a empresa está direcionando, por meio do Instituto Heineken, recursos financeiros à organização Visão Mundial, que vai conduzir a doação de itens emergenciais para as famílias afetadas pelas fortes chuvas. "Estamos unindo esforços de todos os lados para levar mais esperança à população do Rio Grande do Sul e para cuidar da segurança de nosso time. Sabemos que o caminho será longo, mas acreditamos na força da verdadeira união que já mobiliza o País nesse momento", disse Mauro Homem, vice-presidente de Sustentabilidade do Grupo Heineken. Além de cestas básicas, kits de higiene, antecipações de salário, férias e 13º, a empresa também garantiu aos funcionários do estado adicionou auxílio-farmácia de R$ 300 e canais de acolhimento com apoio psicológico.



também faz parte da memória afetiva das pessoas", disse **Juli Codognotto**, idealizadora do projeto. "Queremos instigar o desejo e o prazer da leitura em infâncias de todas as idades e despertar o fio da memória e costurá-lo com aquele fio que guia nossa imaginação."

IMPACTO NA COMUNIDADE

O APOIO SOCIAL DA GIGANTE **PRODUTORA DE PVC**

Líder na produção de cloro e soda e segunda maior produtora de PVC na América Latina, a Unipar e o instituto que leva o mesmo nome realizaram aportes de R$ 17 milhões no ano passado em ações sociais, somando recursos próprios e incentivados. As 48 iniciativas realizadas em 2023 impactaram 2,8 milhões de pessoas, mais do que o dobro do registrado no ano anterior (1,2 milhão). Dessa forma, a companhia ultrapassa o volume de 4 milhões de pessoas beneficiadas em dois anos. "Entendemos que perenidade da companhia está vinculada à atuação responsável nas dimensões econômica, ambiental e social", disse **Suzana Santos**, head de comunicação e sustentabilidade da Unipar. "Atuamos para promover o desenvolvimento humano e o saneamento, apoiando ações de educação, esporte, cultura, sociais e ambientais, sempre priorizando as comunidades no entorno de nossas operações." Em 2024, a empresa tem um cronograma de 43 projetos selecionados até aqui, para levar cultura, desenvolvimento e qualidade de vida à sociedade.

INDÚSTRIA

TECNOLOGIA VIRA ALIADA PARA **MELHORAR** A **RECICLAGEM**



Um dos principais desafios da indústria de reciclagem hoje no Brasil, especialmente a de embalagem de alimentos, é justamente conseguir separar os materiais que são aptos para serem reutilizados. E é nesse trabalho desafiador que a empresa brasileira IQX vem atuando. Com o objetivo de possibilitar a reciclagem desses materiais, a empresa criou os aditivos químicos IQX FLEX e UNI, que compatibilizam os diferentes polímeros presentes nas embalagens multimateriais. Esses aditivos geram resinas recicladas que permitem seu retorno ao mesmo processo produtivo. A cada 30 quilos do aditivo IQX FLEX é possível recuperar 1 mil quilos de resíduos de embalagens plásticas. "Para promover a reciclagem mecânica é preciso seguir as etapas de separação adequada dos tipos de plásticos, a limpeza eficiente, que realmente retire todos os resíduos e contaminantes", afirmou a química **Carla Fonseca**, fundadora da IQX. "Nosso objetivo é melhorar a qualidade de reciclado utilizando tecnologias", disse a química **Silmara Neves**, também sócia-fundadora da empresa.



A ÁGUA BATEU NO NARIZ DOS NEGACIONISTAS DO CLIMA

RICARDO VOLTOLINI
É CEO DA IDEIA SUSTENTÁVEL, FUNDADOR DA PLATAFORMA LIDERANÇA COM VALORES, MENTOR E CONSELHEIRO DE SUSTENTABILIDADE

Se toda dor tem algo a ensinar, a tragédia ambiental ocorrida no estado do Rio Grande do Sul carrega duas lições. Negar ou minimizar a relação de causalidade com as mudanças climáticas, resultado do desmatamento e das emissões humanas de gases de efeito estufa, não só não ajuda a enfrentar o problema como nos torna ainda mais vulneráveis aos seus efeitos. Tão importante quanto mitigar os agentes de desequilíbrio do clima é adaptar-se às suas duras consequências- a resiliência climática, até um mês atrás desconhecida do grande público, representa um novo desafio para a humanidade no século 21.

Na cobertura jornalística da catástrofe gaúcha, o aquecimento global apareceu com todas as letras no discurso de políticos, cidadãos e jornalistas tentando explicar a calamidade. Ainda assim, não foram poucos os que, por razões alheias à ciência, preferiram atribuir o fato a fenômenos naturais aleatórios ou a conspirações políticas imaginárias, inserindo-o num debate ideológico que desinforma os menos informados. Circularam nas redes, vídeos apócrifos e posts oportunistas "alertando" as pessoas (sim, é verdade!) para os "riscos" de agendas supostamente "perniciosas" como a 2030, da ONU, e a de ESG empresarial—não por coincidência, movimentos que propõem, ao contrário do que pregam os seus detratores, respostas sensatas para o imbróglio.

> **"Compreender as causas das emergências climáticas não diminui a força de seus eventos extremos, mas dá choque de realidade"**

Compreender as causas da emergência climática não diminui a força dos seus eventos extremos. Muito menos atenua a dor dos que perderam casas e familiares. Ou a nossa dor pela dor de nossos compatriotas. Mas provoca um choque de realidade. Ao mesmo tempo em que ajuda a desmontar a ilusão paralisante de que estamos diante de uma fatalidade, algo imprevisível e, portanto incontrolável, aumenta o senso de vigilância e invoca o necessário desconforto que pode levar indivíduos, governos e empresas a adotarem estratégias efetivas de mitigação e adaptação.

Segundo pesquisa da Quaest, 64% dos brasileiros enxergam uma relação clara entre as enchentes sulinas e as mudanças climáticas. Cerca de 78% e 44% afirmam já terem experimentado desastres ambientais como o calor extremo e inundações. Esses números reforçam estudo interessante da Fundação Boticário e Unesco, publicado em novembro de 2023. Nele, oito em dez entrevistados se dizem preocupados com o tema. Um a cada três indivíduos já sofreu na própria pele ou na de pessoas próximas os impactos de temporais (45%), ventanias (21%), inundações (21%), ondas de calor (20%), estiagem (7%) e desmoronamentos (5%). A pesquisa mostra ainda uma preocupação clara com impacto econômico: o aumento no preço dos alimentos é o primeiro e mais temido efeito colateral da emergência climática.

Além de doer no bolso, a emergência climática ceifa vidas, destrói cidades e ameaça o futuro das pessoas. Exige investimento em políticas públicas de adaptação que incluem aumentar áreas verdes, restaurar mangues, florestas e ecossistemas degradados. Requer um esforço global de colaboração entre setores na mudança do jeito de produzir e consumir.

Nesse sentido, o mesmo estudo traz uma boa nova. A maioria dos entrevistados se vê como responsável pelo problema. E este é o primeiro passo para a ação. Cerca de 87% admitem mudar de hábitos em benefício do planeta, reciclando e descartando corretamente o lixo (24%) ou plantando árvores (15). Aos 19% que disseram não saber como fazer, ficam duas dicas: passem a cobrar dos gestores eleitos que invistam em financiamento público à adaptação climática; e prefiram produtos de empresas que não derrubam florestas e controlam suas emissões de gases de efeito estufa. S



(Por Priscila Aro - TV Notícias)

Colégio PLUS: Inovação e Compromisso na Formação de Cidadãos em Barretos

Localizado em uma região serena de Barretos, o Colégio PLUS representa um marco na educação moderna, combinando inovação pedagógica com um compromisso firme pelo desenvolvimento integral do aluno. Fundado por Prof. Dr. Farid Carvalho Mauad e Profª Paula Marcia Meinberg Mauad, o colégio implementou uma abordagem educacional que prepara seus estudantes para os desafios de um mundo globalizado, com um programa de ensino bilíngue desde a educação infantil, posicionando-os à frente no cenário educacional.

Com instalações que abrangem 7.200 metros quadrados, o Colégio PLUS está em processo de expansão para atender ao crescente número de alunos, que já soma cerca de 1.200. O planejamento inclui novas salas de aula e áreas dedicadas a projetos educativos e atividades extracurriculares, visando ampliar ainda mais o ambiente de aprendizado enriquecedor que a escola oferece.

Inovações como makerspaces e programas de educação financeira destacam-se no currículo do Colégio PLUS, demonstrando seu compromisso em fornecer uma educação que transcende os limites tradicionais dos livros didáticos. Estas iniciativas preparam os alunos para enfrentar desafios práticos da vida real, equipando-os com habilidades essenciais para o futuro.

Além disso, o centro de formação de líderes do colégio é uma iniciativa pioneira que simula experiências de governança. Através dela, os alunos têm a oportunidade de se elegerem para posições como prefeitos e vereadores mirins, uma experiência educacional que ensina sobre política e cidadania, reforçando valores de responsabilidade e ética.

O Colégio PLUS também é reconhecido pelo seu forte programa de educação emocional, que apoia os alunos na gestão de suas emoções e no desenvolvimento de habilidades sociais. Este aspecto do currículo é crucial, especialmente em uma era de rápidas transformações e desafios sociais, preparando os alunos não apenas para sucesso acadêmico, mas para o bem-estar pessoal e interações sociais efetivas.

"Nosso objetivo é cultivar não só a excelência acadêmica, mas também formar cidadãos íntegros e conscientes que liderarão e transformarão suas comunidades," afirma Prof. Dr. Farid. Este compromisso do Colégio PLUS com a formação integral de seus estudantes é o que verdadeiramente define a instituição como uma líder em inovações educacionais. À medida que o colégio continua a expandir e a evoluir, reafirma seu papel crucial na preparação de uma nova geração para enfrentar e moldar o futuro com confiança e responsabilidade. ■

Saiba Mais:
Site: https://www.colegioPLUS.net





Maior empresa brasileira enfrenta novo terremoto depois de o presidente Lula demitir Jean Paul Prates e indicar Magda Chambriard, mas a troca de comando não é a única preocupação do mercado

Allan RAVAGNANI e Jaqueline MENDES

PETROBRAS I

Na noite da terça-feira (14), um dia após a Petrobras divulgar seu balanço do primeiro trimestre, com queda de 38% no lucro líquido, o mercado foi surpreendido pela notícia de que o presidente da companhia, Jean Paul Prates, havia sido demitido do cargo. O comando da estatal passa para Magda Chambriard, que foi diretora-geral da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) no governo de Dilma Rousseff. Alvo de fritura interna no governo nos últimos meses, Prates esteve em disputas abertas com os ministros Rui Costa (Casa Civil) e Alexandre Silveira (Minas e Energia), que queriam influenciar mais na estatal. O desgaste foi intensificado diante do impasse sobre o pagamento dos dividendos extraordinários aos acionistas, e piorou após Silveira admitir o conflito com Prates, afirmando que não abriria mão de sua autoridade como ministro sobre a Petrobras.

 FOTO: DIVULGAÇÃO



MUDA A ROTA

Em abril, a imprensa divulgou que o presidente Lula chegou a convidar o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante, para assumir o comando da petrolífera, mas teria sido dissuadido pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e pelo presidente do Senado, Rodrigo Pacheco. Em sua mensagem de despedida aos funcionários da Petrobras, Prates afirmou que sua missão na empresa havia sido "precocemente abreviada, na presença regozijada de Alexandre Silveira e Rui Costa", disse, na carta. No fato relevante publicado pela companhia, consta também que Prates irá apresentar sua renúncia ao cargo de membro no conselho de administração.

A insatisfação de Lula com Prates era justificada pelo que o petista considerava uma demora na entrega de promessas, pois o presidente exige maior velocidade na execução dos projetos anunciados pela empresa, especialmente em relação à encomenda de navios aos estaleiros brasileiros, para fomen-

QUEM É MAGDA CHAMBRIARD?



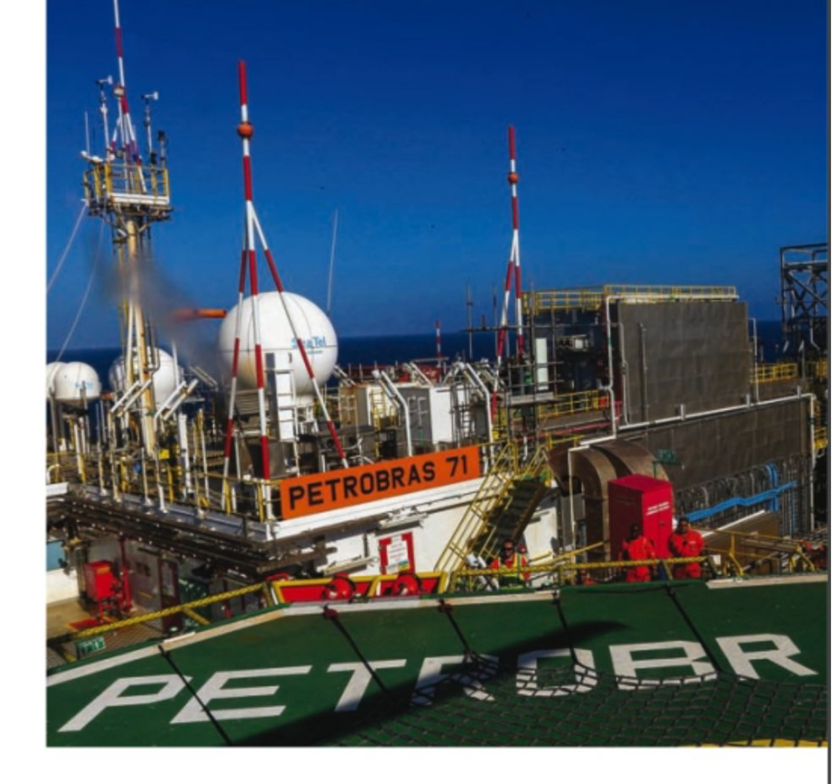
Em 70 anos de existência da Petrobras, Magda Chambriard será a 43ª presidente da companhia, sendo a segunda mulher a comandarr a estatal, depois de Graça Foster. Ela foi indicada pelo presidente Lula para o posto, herdando o desafio de conciliar os interesses do governo sem perder a confiança do mercado financeiro. Será a sétima pessoa a comandar a companhia em cinco anos.

Chambriard não é nenhuma novata. Servidora de carreira na Petrobras, ela é engenheira, especializada em exploração e produção de petróleo e foi diretora-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), nomeada pela ex-presidente Dilma Rousseff em 2012. Trata-se de um nome técnico, o receito do mercado, no entanto, é o direcionamento político.

Magda já se colocou a favor da exploração na Margem Equatorial e contra o Imposto Seletivo ao petróleo. "De maneira geral, não possuímos apontamentos quanto ao seu perfil acadêmico e profissional, porém a forma como chega ao poder alimenta preocupações quanto à interferência estatal na forma como a companhia será conduzida", afirmou o relatório da Ativa Investimentos.

Caberá à Magda revisitar o plano de investimentos da companhia, que atualmente compreende US$ 102 bilhões até 2028, podendo acelerar projetos como o Comperj, no Rio de Janeiro, e a Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco. A expectativa dos analistas é que Chambriard deverá ampliar os valores investidos em outros segmentos, como Renováveis e Refino.

Em publicações em seu perfil público, defendeu o investimento no segmento de refino e criticou a distribuição de dividendos por parte da Petrobras. Em entrevista à TV Alerj (Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro), concedida em 2021, ela referiu-se à petroleira como uma via de mão dupla. "A sociedade não espera uma retribuição *ipsis litteris* de tudo o que ela [Petrobras] fez, mas quer ter retorno, sim, do desenvolvimento proporcionado por essa indústria", disse.



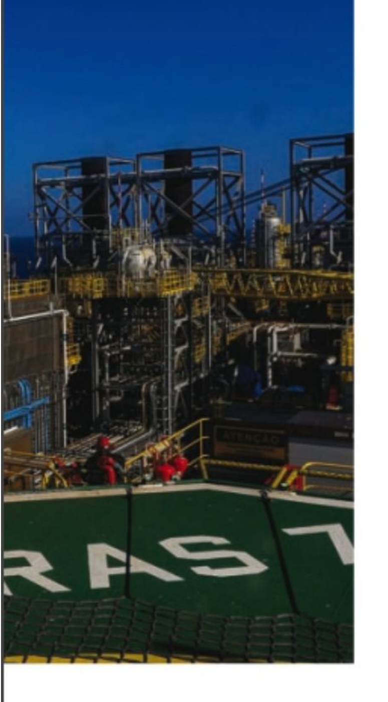
tar a indústria naval, e na aceleração dos investimentos em refino de petróleo. A média de permanência de um presidente na Petrobras é de cerca de um ano e meio. Nos últimos oito anos, foram oito presidentes. Mudanças repentinas apontam que ser sócio da empresa é ser sócio do governo, o que muitas vezes, traz uma dose maior de risco aos acionistas sem a devida compensação financeira.

MERCADO Como investidores são avessos a mudanças bruscas de rota, imediatamente após o anúncio os recibos das ações da companhia negociados em Nova York (ADRs) passaram a cair 9%. No pregão da B3 da quarta-feira (15), dia seguinte ao anúncio, as ações fecharam em queda de 6% nas ordinárias (PETR3) e 7,9% nas preferenciais (PETR4). O dia depois da queda, no entanto, deu um pouco de alívio. Os papéis da estatal abriram o pregão da B3 em alta, enquanto na NYSE, as ADRs (PBR) abriram o mercado em queda de 0,25%.

O economista Einar Rivero apontou que a estatal perdeu R$ 34 bilhões em valor de mercado, com a queda nos papéis no dia 15, encerrando o pregão valendo R$ 509 bilhões. "Essa perda de valor equivale ao valor de mercado da Hapvida", afirmou. O temor do mercado, é óbvio, reside na interferência do governo (controlador) nas decisões gerenciais da companhia, conflitante com os minoritários. O governo quer fomentar setores enquanto os minoritários querem maximizar os lucros. Outros pontos sensíveis são as políticas de preços, dividendos e a influência política na empresa. Este equilíbrio de interesses é que vai ser o maior desafio da próxima presidente.

Enquanto houver indefinições sobre esses fatores, que impactam diretamente na percepção de risco e projeções de rentabilidade, a alta volatilidade deve continuar. Para o analista da Nova Futura Investimentos, Hayson Silva, a troca no comando abre espaço para especulações. "Enquanto houver

 FOTOS: TÂNIA RÊGO/AG. BRASIL | RAFA NEDDERMEYER/AG. BRASIL | TOMAZ SILVA/AG. BRASIL | FABIO RODRIGUES-POZZEBOM/ AG. BRASIL



DECISÃO DE LULA PODE TER OCORRIDO PARA FORÇAR INVESTIMENTOS DA PETROBRAS, MAS A ALTA ALAVANCAGEM JÁ FOI UM PROBLEMA SÉRIO DA PETROLEIRA EM OUTRAS GESTÕES PETISTAS

indefinições sobre fatores que impactam diretamente na percepção de risco volatilidade [das ações] deve continuar", disse.

Para o economista e consultor André Perfeito, a impressão que se tem é que a decisão de Lula foi no sentido de forçar a Petrobrás rumo ao investimento, no entanto, apesar da intenção, se a empresa não concluir suas refinarias, no longo prazo a empresa pode ter grandes problemas em seu balanço na rubrica de petróleo e derivados. A Ativa Investimentos afirmou, em relatório, que se o mercado já tinha dúvidas quanto à execução da atual estratégia de preços durante a gestão Prates, certamente estas dúvidas aumentarão na gestão Chambriard. "Ainda que não acreditamos que a empresa atualizará os termos da sua política atual, não duvidaremos se a Petrobras, definitivamente, caminhar para uma cobrança mais próxima ao seu valor marginal que ao custo de aquisição do cliente", afirmou.

DIVIDENDOS Durante a teleconferência de resultados do primeiro trimestre, a diretoria da estatal mostrou que o pagamento do dividendo extraordinário retido em 2023 seria distribuído, o que se discutia era somente quando seria o melhor momento para fazer. Os analistas da Ativa apontaram que este é um tema que pode resultar em grandes mudanças na recpetividade das ações.

A política atual de dividendos é "ativada" quando a dívida bruta da empresa está inferior a US$ 65 bilhões. A Ativa informa que como a Petrobras dispõe de um endividamento bruto de US$ 61,8 bilhões, uma simples aquisição (como da Braskem, por exemplo) que eleve esse indicador condicionaria à companhia a realizar apenas o pagamento mínimo de US$ 4 bilhões para anos em que o Petróleo Brent seja superior a US$ 40 o barril. "Em apenas um movimento, a companhia poderia condicionar o pagamento total de proventos futuro à apenas cerca de R$ 1,50 por ação por ano [considerando um câmbio à R$ 5]", informa.

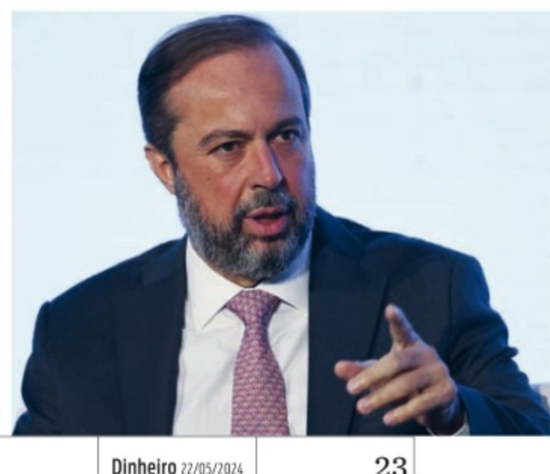
A Genial Investimentos apontou que até o final de 2024 a companhia petroleira não deverá sofrer fortes guinadas corporativas. Entretanto,ainda há outros fatores de risco relacionados a distribuição de dividendos. A metade não distribuída referente ao resultado de 2023, gera dúvidas no mercado. Para os anos seguintes a 2025, a equipe da Genial aponta ser importante observar o posicionamento da nova presidente e como ela aborda o assunto Vale lembrar que ela é uma defensora do papel social da Petrobras. "É importante mencionar que maiores investimentos devem, necessariamente, gerar menor fluxo de dividendos tendo em vista a fórmula vigente para distribuição", diz o relatório. S

6%

FOI A QUEDA DAS AÇÕES (ON) DA PETROBRAS NO DIA 15 DE MAIO, APÓS A DEMISSÃO DE PRATES



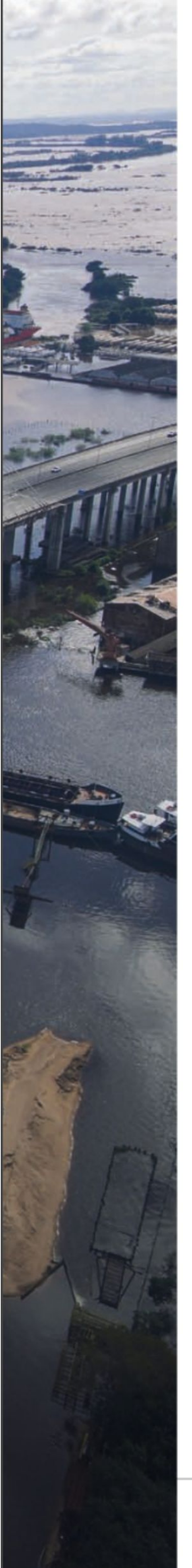




FRITURA PÚBLICA Ministro da Casa Civil, Rui Costa (esq.); ex-presidente da Petrobras, Jean Paul Prates (cen.); e ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira: um conflito que não começou agora e não deve terminar com a mudança no comando da estatal



OBRAS
Governo federal ergue, em cinco dias, uma estrada para acesso de caminhões em cidades afetadas pelas chuva



O RIO GRANDE DO SUL VAI MUDAR (E O BRASIL TAMBÉM)

BAIXA EXECUÇÃO DO ORÇAMENTO FEDERAL, DIFICULDADE DE PLANEJAMENTO DE GOVERNADORES E PREFEITOS, ALÉM DO DESPREPARO DAS EMPRESAS DIANTE DA ADVERSIDADE, ALTERA A ECONOMIA BRASILEIRA — E ISSO PODE CUSTAR 1,9% DO PIB ATÉ 2025

Paula CRISTINA

O desastre climático no Rio Grande do Sul é capaz de mudar parte da dinâmica da economia brasileira. Em muitos aspectos, a tragédia sem precedentes colocou luz em assuntos marginalizados até agora. A necessidade de políticas públicas mais assertivas para prevenção, as alterações geográficas para o desenvolvimento urbano e industrial, o papel dos prefeitos e governadores no entendimento dos riscos climáticos e a criação de um protocolo padrão, desenhado pelo governo federal, com reservas e recursos a serem destinados para casos como este, são algumas das mudanças que se fazem necessárias. Na prática, todos estes conceitos custam dinheiro, exigem capital político elevado e a introdução da máxima popular que diz que prevenir é melhor que remediar. A reportagem da DINHEIRO conversou com economistas de países atingidos por desastres climáticos que detalham como foi o processo de adaptação do capital para as novas regras do jogo. E um spoiler: é preciso esforço conjunto e muito mais que gastos bilionários para tapar buracos após as tragédias.

No ponto de vista da prevenção, é preciso destravar mais investimentos. Segundo o Portal da Transparência, entre 2010 e 2024 a média de execução do orçamento destinado à prevenção de desastres climáticos foi de 65%, em um universo de R$ 71,3 bilhões para este fim, rubricado na Lei de Diretrizes Orçamentárias. No Legislativo, o buraco é ainda mais embaixo. Segundo o portal Contas Abertas, as emendas apresentadas por deputados e senadores para medidas desse tipo somaram R$ 59,2 milhões em 2024. Essa cifra corresponde a apenas 0,13% dos R$ 44,7 bilhões reservados no Orçamento para emendas parlamentares. Para Isaías Brandão Azevedo, professor de economia da Unifesp e autor do estudo Alterações Climáticas

FOTO: FLICKR



MODO PALIATIVO
Presidente Lula, ao lado do governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, se encontra com agentes da Defesa Civil para encontrar formas de reparar os dados causados pelas enchentes

e Consequências Econômicas, é possível mensurar que o Brasil vem perdendo, ano a ano, uma proporção cada vez maior do PIB para desastres naturais. Entre 2000 e 2010, a perda média era de 0,4%, cifra que subiu para 0,9% entre 2011 e 2015. Entre os anos 2016 e 2020, o PIB perdeu 1,3% e, até 2025, deve perder algo próximo a 1,9%. "Os efeitos do El Niño, é a maior expressão do aumento das perdas provenientes de desastres climáticos, e ainda assim há resistência por parte do poder público em lidar com ele antes das tragédias", disse.

Para a construção de um plano que antecipe os problemas e minimize as perdas, a indicação da Organização das Nações Unidas é que sejam desenhados três planos distintos, mas que precisam ocorrer simultaneamente, abrangendo cidades, estados e federação. Em um levantamento intitulado *O efeito da crise climática na economia mundial*, a ONU indicou o aumento nos custos dos eventos climáticos. Quando começou a amostragem, no anos 1980, as perdas mundiais com terremotos, furacões, tsunamis e

PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO RECEBEM, EM MÉDIA, 65% DE TODOS OS EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS, MAS INVESTEM MENOS DE 20% DO NECESSÁRIO PARA PREVENIR E PROTEGER A SOCIEDADE E A ECONOMIA

alagamentos somavam US$ 40 milhões. Em 2022, a cifra já ultrapassa US$ 388 milhões. Nessa toada, os países em desenvolvimento recebem cerca de 65% das tragédias, e investem menos de 20% do necessário anualmente para combater os efeitos colaterais. Para Natalie Unterstell, do Instituto Talanoa, os números provam que o custo da inação é sempre maior que o da ação. "Investimentos precoces, calculados e programados dão a impressão de desperdício, mas fazem a diferença se o evento extremo vier", afirmou.

PELO MUNDO Quando se fala em investimentos na prevenção, os olhos costumam ir em direção ao governo federal, mas não é possível tirar o papel dos governadores e prefeitos nesta equação. Andrew Atkeson, professor de economia e finanças de Stanford e especialista em contas públicas, diz que os Estados Unidos, um dos países com maior incidência de eventos climáticos extremos, instituiu, nos anos de 1900, uma norma-

tiva federal que exigia que os governadores prestassem, anualmente, contas sobre os investimentos para prevenção. "A obrigatoriedade se deu após 1906, quando um terremoto em São Francisco desabrigou 225 mil pessoas, em uma cidade de menos de 400 mil", disse. Depois do episódio houve mudanças drásticas na construção civil, com fundações mais preparadas para terremotos, construção de abrigos e bunkers, transformação no sistema de abastecimento de água. "Tudo isso encabeçado pelos governadores, que apresentavam suas soluções de acordo com os riscos inerentes a sua região", afirmou. No Brasil, a estrutura da república centraliza decisões no governo federal, dando menos autonomia para os governadores. Há ainda o problema do alto endividamento dos estados, que trabalham em um acordo com o governo federal para uma moratória das dívidas. Inicialmente, a proposta enviada pelo governo ao Senado era que a cifra eventualmente reduzida da dívida deveria ser revertida em educação, mas parlamentares negociam com o presidente do Casa, Rodrigo Pacheco, a criação de um gatilho para forçar o investimento na prevenção das alterações climáticas.

E quando o assunto é mitigar os efeitos de catástrofes, o Japão dá aula. Desde o Tsunami em 2011, quando quase 20 mil pessoas morreram, o país asiático investe cerca de 2,1 trilhões de ienes em prevenção, o equivalente a R$ 70 bilhões. Segundo Atkeson, o comprometimento japonês com a prevenção se dá desde os anos 1950 e isso fez diferença em 2011. "A capacidade de estrago de um tsunami em qualquer outro país seria assustadoramente maior. Tanto a velocidade de escoar a água do mar quanto a realocação das famílias só foi célere porque havia planos de contingenciamento", afirmou.



CATÁSTROFE
Tsunamis e terremotos são exemplos de eventos climáticos extremos que precisam ser tratados com antecedência pelo governo



As empresas também precisam se adaptar a este novo normal. É o que tem acontecido na Austrália, que está entre os países com maior potencial de desastres naturais do mundo, segundo a ONU. Por lá, empresas como BHP Billiton, Rio Tinto e Anglo American possuem um protocolo desenhado em parceria com o governo federal para proteger funcionários e garantir o menor impacto possível em suas operações quando há eventos climáticos extremos. Mas ainda há o que os australianos chamam de crise de segurabilidade, com uma em cada 25 casas a caminho de se tornar inelegível para ser coberta por seguro até 2030, de acordo com um relatório do Climate Council. Entre as companhias, a proporção também é parecida. Agora, o governo tenta entender como contornar a situação e garantir que as pessoas não percam dinheiro nem que as seguradoras saiam do país. Segundo a entidade Climate Council, presidida por Amanda McKenzie, 25% das casas no país não serão elegíveis para seguradores em 2030. "As mudanças climáticas são mais rápidas do que a capacidade de o governo adaptar as leis", disse ela. O clima no mundo está mudando. E o Brasil precisa aprender com isso antes que tragédias como a do Rio Grande do Sul se tornem mais frequentes. S

CRISE GAÚCHA UNE POLÍ



UNIÃO
Ex-governador de São Paulo e cofundador do Lide, João Dória foi o anfitrião do tradicional Lide Brazil Investment Forum, que aconteceu em Nova York

Governadores, parlamentares e executivos se unem em solidariedade ao Rio Grande do Sul no Lide Brazil Investment Forum, nos EUA, destacam avanços como a Reforma Tributária e pedem a continuidade da agenda de modernização

Marcos STRECKER, de Nova York

A tragédia no Rio Grande do Sul deu o tom no Lide Brazil Investment Forum, tradicional evento anual que reúne empresários e políticos em Nova York e aconteceu na última terça-feira (14). A começar pela manifestação dos dois principais oradores, que não puderam viajar aos EUA em função da crise no estado gaúcho: o presidente do Congresso, Rodrigo Pacheco, e o presidente da Câmara, Arthur Lira. Os dois enviaram vídeos, registrando que priorizaram ficar em Brasília para a agenda legislativa de socorro aos flagelados no Sul. Do fundador e co-chairman do Lide, o ex-governador João Doria, aos gestores estaduais, empresários e executivos presentes, todos ressaltam a necessária urgência no socorro. Em uma mensagem gravada, o governador Eduardo Leite apontou a imensa dor com a per-

ÍTICOS E EMPRESÁRIOS

da de vidas, citou todas as regiões afetadas e agradeceu a corrente de solidariedade no Brasil e no mundo ao seu estado.

O empresário Alexandre Birman, da Arezzo&Co, que no dia seguinte receberia o prêmio de Personalidade do Ano pela Câmara de Comércio Brasil-EUA, foi um dos primeiros a se manifestar e lembrou que a base industrial do seu grupo fica no Rio Grande do Sul, pedindo doações às vítimas. O ex-presidente Michel Temer lembrou que a solidariedade é uma determinação da Constituição. Dyogo Oliveira, ex-ministro e presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), ressaltou que há um aumento da gravidade e da frequência das intempéries climáticas e que a sociedade precisa refletir sobre esses novos fenômenos, que vieram para ficar. Segundo ele, mais de 90% dos municípios brasileiros foram afetados por esse tipo de ocorrência nos últimos três anos, o que exige prevenção e atenção às vítimas. E o setor de seguros, que foi crucial para a reconstrução após tragédias naturais no Japão, pode ter um papel importante a desempenhar aqui também.

Esse clima de comoção, por outro lado, aconteceu enquanto os presentes lembraram que houve um grande avanço no País em relação à edição anterior do Forum: a aprovação da Reforma Tributária. De fato, em 2023, Lira garantia em Nova York que a mudança dos impostos seria aprovada, ainda que há décadas essa agenda estivesse emperrada. Contrariando o ceticismo de muitos, ela realmente saiu em dezembro, virou uma grande marca para o governo Lula e criou um ambiente de otimismo para os investidores. Como apontou o ex-ministro Luiz Fernando Furlan, chairman do Lide, o País ficou mais perto de voltar a receber grau de investimento das agências de classificação de risco, perdido na década passada.

Ainda que Lira tenha manifestado a convicção de que a regulamentação da Reforma será aprovada pelo Congresso nos próximos meses, apesar do recesso legislativo e das eleições municipais, vários parlamentares ressaltaram a importância de que os princípios e conceitos que foram aprovados na Reforma não sejam modificados na regulamentação ora em debate no Parlamento, como alertou o próprio relator da matéria, Aguinaldo Ribeiro. Ele disse que a aprovação foi um "marco histórico", mas advertiu que as negociações em curso não podem levar ao aumento de impostos. Marcos Pereira (Republicanos), primeiro-vice-presidente da Câmara, também apontou o avanço de reformas estruturantes no Congresso nos últimos anos, como a Trabalhista e a da Previdência, além de mudanças infraconstituionais, como a autonomia do Banco Central, que melhorou o ambiente de negócios. Outro projeto repetidamente mencionado por Lira, mas que ainda não teve espaço para ser pautado na Câmara, foi lembrado pelo deputado Arthur Maia: a Reforma Administrativa. O parlamentar baiano, relator da matéria, citou que mudanças como essa dependem da liderança do presidente. Foi bastante aplaudido.

BRASIL VERDE A defesa da agenda de sustentabilidade foi uma unanimidade entre os nove governadores presentes, que também se uniram na solidariedade ao Rio Grande do Sul. Helder Barbalho (PA) citou a redução expressiva de desmatamento em seu estado e disse que fará este ano a primeira concessão de



FUTURO
Luiz Carlos Trabuco, presidente do conselho do Bradesco, reforça que o Brasil precisa correr atrás do tempo perdido para se ajustar a economia mundial

restauro de floresta no País. O Pará vai sediar a COP30, o principal evento climático da ONU, no próximo ano, e a agenda do meio ambiente é o carro-chefe da gestão do emedebista. Barbalho citou a aposta no mercado de carbono, da mesma forma que o governador amazonense, Wilson Lima.

Já o êxito com o saneamento das contas públicas foi exaltada pelos governadores Ratinho Junior (PR), Renato Casagrande (ES), Mauro Mendes (MT), Eduardo Riedel (MS) e Romeu Zema (MG). O primeiro citou um ambicioso programa de privatizações e a "maior concessão rodoviária em curso na América Latina" no seu estado. Ronaldo Caiado (GO), muito lembrado pelos colegas, ensaiou um discurso de presidenciável ao criticar os resultados "medíocres" em educação no País, apesar dos altos investimentos na área, e citou uma bandeira que é um calcanhar-de-Aquiles do governo petista: a Segurança Pública. "No meu estado, empresas de blindagem e de segurança privada não prosperam", zombou. E aproveitou para abraçar a causa do agronegócio ("um grão de soja produzido no País tem mais tecnologia que um smartphone"). "Essa é a melhor safra de governadores que o Brasil já teve", ufanou-se, um sentimento de tom oposicionista que não é exagero dizer que atraiu boa parte dos empresários e políticos presentes.

Zema, outro possível presidenciável em 2026, também aludiu a seu trabalho para sanear "em cinco anos e quatro meses de gestão" um estado que "estava arruinado". Sem citar seu antecessor (Fernando Pimentel, do PT), desfilou realizações como a redução de secretarias estaduais, a gestão profissionalizada, o crescimento acima da média do País e a geração de empregos. Porém, evitou um tema caro ao seu estado, o problema da dívida com a União, que ainda não foi equacionado e é explorado pelo presidente Lula para enfraquecer um dos principais opositores identificados com o bolsonarismo.

Mas esse assunto foi sacado por outro governador que está com problema de endividamento, o governador Claudio Castro. Ele, que ameaçou parar de pagar os servidores fluminenses por falta de recursos, disse que é preciso um "novo pacto federativo", pois o Rio de Janeiro paga juros muito altos para sua dívida e envia muito mais dinheiro de impostos do que recebe de volta. Após o evento, ele tentou desvincular a renegociação das dívidas estaduais, um tema que une vários governadores, à crise gaúcha. Eduardo Leite pediu nos últimos dias a moratória temporária da dívida de seu estado pela emergência climática. "Seria um absurdo os estados usarem o desastre no Rio Grande do Sul para pressionar pela renegociação das dívidas. O Rio de Janeiro com certeza não fará isso", disse Castro.

O agronegócio teve uma defesa enfática das ex-ministras da Agricultura Tereza Cristina e Katia Abreu. As duas lembraram que há muitas oportunidades a serem exploradas e é urgente diminuir a dependência da importação de fertilizantes, sendo que o Brasil tem insumos capazes de garantir a produção local. Presidente da Febraban, Isaac Sidney pintou um retrato otimista do País, dizendo que "estamos no caminho certo". Também defendeu um processo de modernização do Estado, com mais transparência na gestão pública. Lembrou ainda o sucesso da Reforma Tributária, "que não deve se distanciar de seus princípios", e disse que a responsabilidade fiscal é fundamental para um melhor ambiente de negócios.



RUMOS Presidente da Febraban, Isaac Sidney, entende que o Brasil está no caminho certo, mas é preciso rever, o quanto antes, o tamanho do Estado

BONS VENTOS Luiz Carlos Trabuco Cappi, presidente do conselho do Bradesco, elogiou o pragmatismo dos governadores. Ele ponderou que o Brasil "perdeu oportunidades e talvez tenha perdido o bônus da globalização", mas listou vários "bônus incontestáveis". Lembrou um símbolo nacional, o Real, que no próximo mês vai completar 30 anos de lançamento, além do bônus da segurança energética, de um mercado interno e de reservas internacionais. "Isso não é pouco. O Brasil tem um soft skill para se impor não com armas, mas como um país de solidariedade e amigável para os investidores." S



Belas Sonoriza
som ao vivo da banda
Mariachis Marcianos
ingressos
aqui
25 de maio 17h
THE BEATLES
Yellow
Submarine
REAG
BELAS
ARTES

NOVA LUZ NO MERCA

ABBC LANÇA INSTITUTO DE PESQUISA EM PARCERIA COM UNIVERSIDADES E VAI APROFUNDAR DISCUSSÃO EM ASSUNTOS COMO ATIVOS DIGITAIS, BLOCKCHAIN E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Paula CRISTINA

Entender, mapear, analisar e publicar. Essa é uma premissa metodológica comum no meio acadêmico, e necessária para compreendermos o objeto de estudo. Para o bom entendimento, clareza dos dados. Para confiabilidade, isenção. Essa é a receita capaz de rechear o mundo com dados, informações e mensuração. E com esses pressupostos nasce o Instituto ABBC de Estudos Acadêmicos do Sistema Financeiro (IEASF/ABBC), uma estrutura para o desenvolvimento de pesquisa fina do mercado de capitais brasileiro. Encabeçado por Silvia Scorsato, que também é presidente da Associação Brasileira de Bancos, o novo projeto promete filtrar microdados relativos ao Sistema Financeiro Nacional (SFN), e se colocar como arauto das informações que permeiam o setor. "Vivemos um momento de evolução sem precedentes. Pix, Drex e Open Finance são exemplos de como nosso mercado vive um tempo de revoluções. Estamos prontos para identificar novas tendências, fragilidades e melhorar a competitividade do segmento", disse.

Para que os dados já saiam do forno amparados pela credibilidade, a instituição fará parcerias estratégicas com universidades e outros centros de pesquisa, como Ibmec e FGV, além de braços públicos — como o Banco Central e o IBGE. "Podemos



 FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO

CADO FINANCEIRO

falar de microcrédito, regulamentação, tendências e comportamentos, é uma forma de oferecer ao mercado contribuições relevantes e entrar em assuntos que os grandes números trazidos pelo BC não contemplam", afirmou.

O apoio do Banco Central, inclusive, ficou evidente no lançamento do instituto, que contou com a presença dos diretores Otávio Damaso (regulação), Diogo Guillen (política econômica) e Ailton Santos (fiscalização). Segundo Damaso, a proposta do IEASF supre uma lacuna que o BC não consegue preencher. "Há muitos estudos em macroeconomia e nem tantos em microeconomia. Temos milhões de dados auditados, que poderiam render boas pesquisas", disse. De acordo com ele, temas como adaptação e aderência do empresariado às mudanças na lei e a regulação para o mercado financeiro virtual também são de profunda relevância. Silvia acrescenta que olhar para as transformações digitais é um dos pilares do instituto. "Nascemos digital. Mapear o mundo online é imperativo", disse a presidente da ABBC. As pesquisas desenvolvidas pelo instituto devem abranger temas voltados à inovação, segurança cibernética, ativos digitais, blockchain e inteligência artificial. Os resultados serão apresentados aos órgãos reguladores do SFN para poder conectar a produção intelectual a questões políticas, econômicas e sociais.



"TEREMOS ESTUDOS QUE OS BANCOS NÃO VÃO GOSTAR E OUTROS QUE PODEM DESAGRADAR O BC. ISSO FAZ PARTE DA ESCOLHA DE SER TRANSPARENTE E FIEL AOS DADOS"

SILVIA SCORSATO,
PRESIDENTE DA ABBC

POTÊNCIA MUNDIAL Para Jorge Sant'Anna, conselheiro da ABBC e cofundador e CEO do BMG Seguros, apesar de possuir uma estrutura financeira altamente robusta e sólida, faltam respostas no SFN brasileiro."Temos grandes dúvidas que não serão sanadas por bancos ou reguladores. Elas serão sanadas pelo mundo acadêmico", disse. Segundo ele, a economia brasileira passa quase integralmente pelo mercado financeiro. "Agora podemos levantar dados precisos sobre o comportamento das pessoas." Isso também permite que o capital estrangeiro entenda melhor o Brasil. "Só precisávamos organizar os dados para mostrar aos brasileiros e ao mundo a solidez do sistema financeiro", afirmou. Com 120 associados, o conselheiro da ABBC afirma que o início das atividades IEASF/ABBC muda a categoria da entidade, que deixa de ser apenas de pleitos e se torna fornecedora de dados.

Sobre a possibilidade de desenvolver estudos que não agradem os associados, Silvia afirma que não será problema. "Teremos estudos que os bancos não vão gostar e outros que podem desagradar o BC. Isso faz parte da escolha de ser transparente e fiel aos dados", disse. Munida da regra fundamental em uma imersão acadêmica (que determina que só tem vez e voz quem se aprofunda em um tema), a ABBC entra de vez no debate de qualidade. S

A MAIOR OPERAÇÃO

Operadora de planos de saúde conclui neste ano a integração com a NotreDame Intermédica, avança em tecnologia e investe R$ 1,5 bilhão na construção de três hospitais para fortalecer sua rede própria

Beto SILVA

Na sede da Hapvida em Fortaleza (CE), uma grande sala é equipada com diversos painéis que apresentam em tempo real os indicadores da rede de 801 unidades hospitalares, sendo 86 hospitais, 76 pronto-atendimentos, 345 clínicas médicas e 294 centros de diagnóstico por imagem e coleta laboratorial. É uma central de controle de toda a operação. Ali estão centenas de indicadores sobre período de espera dos pacientes por atendimento em cada unidade, número de leitos vagos de internação, ocupação de UTI, consultas de urgência, visitas, realização de cirurgias, avaliação dos usuários e muitos outros índices. Painéis semelhantes, com os mesmos dados, estão em alguns andares do prédio onde funciona a sede da Hapvida em São Paulo, mais especificamente na Avenida Paulista. Na palma de sua mão, com seu smartphone conectado à operação, o CEO da companhia, Jorge Pinheiro, acompanha tudo *pari passu*. Esse círculo de monitoramento — que envolve conexão de sistemas, ligação entre as regiões Norte-Nordeste e Sul-Sudeste, com comando e gestão — é um retrato do atual momento da Hapvida. Neste ano, a operadora de planos odontológicos e de saúde conclui

 FOTO: MARCO ANKOSQUI



"Nosso modelo não é só verticalizado com recursos próprios. É muito mais do que isso. Ele é integrado"

JORGE PINHEIRO
CEO DA HAPVIDA

a integração com a NotreDame Intermédica para consolidar a maior empresa do setor da América Latina, com 15,8 milhões de contratantes. Os trâmites de fusão das duas maiores do mercado no Brasil, com 8,85 milhões de beneficiários apenas em saúde, começaram em 2020, com o negócio concluído em 2022. Ao final da junção, societária e de sistemas, em 2024, formam uma gigante, maior do que as três principais concorrentes (Bradesco, Amil e SulAmérica), que somadas possuem 8,05 milhões de vidas. "Estamos em finalização de um processo para oferecer uma experiência única, com prestação de serviço de maneira integrada", afirmou Jorge Pinheiro à DINHEIRO.

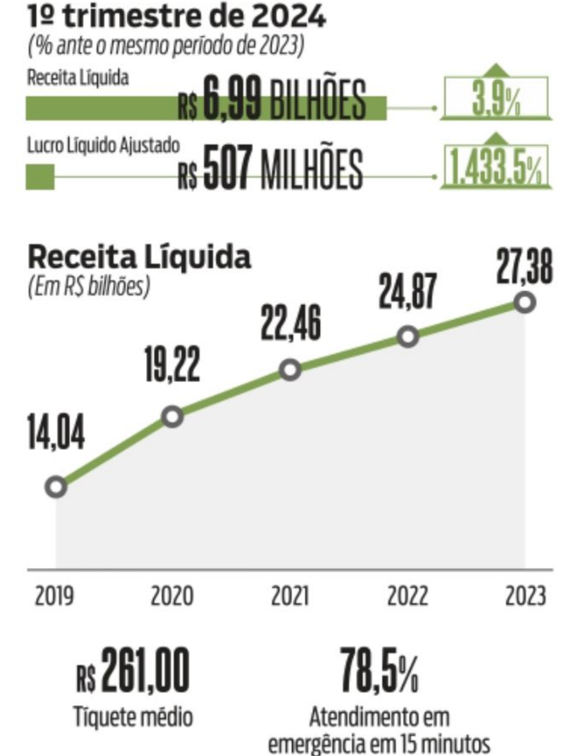
Na prática, já são uma única empresa. A Hapvida NotreDame Intermédica registrou faturamento de R$ 27,4 bilhões ano passado, 10,1% maior do que 2022 e quase o dobro dos R$ 14 bilhões apresentados em 2019. O lucro líquido ajustado bateu R$ 846 milhões, crescimento de 38,3% em comparação com o período anterior. Neste ano, a saúde financeira da companhia continua forte. No primeiro trimestre a receita foi de R$ 6,99 bilhões, 3,9% superior ao igual período do ano passado, e o lucro líquido ajustado de R$ 507 milhões, aumento de 1.433,5% ante janeiro a março de 2023.

Apesar do resultado considerado positivo por alguns analistas — da XP, por exemplo —, Max Mustrangi, especialista em reestruturação de empresas e CEO da Excellence, salientou o perfil da dívida da Hapvida, que no balanço divulgado foi de R$ 4,4 bilhões, equivalente a 1,13x o Ebitda. A companhia vai emitir R$ 1 bilhão em debêntures e, possivelmente, vai usar o dinheiro para reperfilar o passivo financeiro. "É uma empresa que tem estrutura de capital próprio extremamente pesado, ou seja, uma estratégia errada nesse momento. Deveriam estar querendo ficar um asset light [leve em ativos], mas estão se tornando um asset heavy [grande uso de ativos] extremamente ativado", ressaltou Mustrangi, frisando que "estão indo por um caminho muito perigoso nesse setor, que já tem margens muito finas e está vivendo uma crise muito pesada".

Jorge Pinheiro olha para frente com otimismo. "Vamos continuar crescendo", disse o CEO, sem apontar uma perspectiva, mas com a mira voltada para os R$ 30 bilhões de receita. A cautela tem dois fundamentos. Primeiro, evitar antecipar o guidance para não influenciar o desempenho da empresa no mercado de capitais, que desde 2018 tem suas ações listadas na B3. Segundo, porque mantém a simplicidade e o pé no chão da família, que começou a construir a Hapvida em 1979. Naquele ano, o médico oncologista Cândido Pinheiro, pai de Jorge, inaugurava uma clínica que se transformou no

ESTRUTURA AMPLIADA
Inaugurado ano passado pela companhia, o Hospital Rio Preto tem 13 mil metros quadrados e é uma das referências do interior paulista

A SAÚDE FINANCEIRA DA HAPVIDA NOTREDAME INTERMÉDICA





Estrutura

Unidades próprias	801
Hospitais	86
Pronto-atendimentos	76
Clínicas médicas	345
Centros de diagnóstico por imagem e coleta laboratorial	294

Hospital Antônio Prudente (HAP) na capital cearense. As atividades de operadora de saúde suplementar, como Hapvida, começaram em 1993. Nessas mais de três décadas, expandiu os negócios pelo Norte e Nordeste e agora espalha sua atuação para o Sul e Sudeste, além do Centro-Oeste, com a aquisição da NotreDame Intermédica.

Se por um lado é discreto — inclusive, pouco concede entrevistas —, Jorge Pinheiro mostra envergadura para os negócios. Os próximos passos para o desenvolvimento da empresa já estão traçados. Evolução orgânica a partir da construção de três hospitais — um em São Paulo, um no Rio de Janeiro e um Recife — e a reinauguração de uma unidade na Zona Leste da capital paulista. Os novos equipamentos serão em áreas nobres das cidades. Em São Paulo, está sendo finalizado o trâmite imobiliário para aquisição da área que abrirá a estrutura de alta complexidade, com padrão de hotelaria sofisticado, 200 leitos, com atendimento adulto, pediátrico e obstetrícia. Na capital fluminense, a unidade terá as mesmas características. E no final do ano, a maior cidade pernambucana vai abrigar o maior hospital da Hapvida da região Nordeste, com quase 50 mil metros quadrados, na Avenida Agamenon Magalhães, o coração do polo médico do município.

A implantação de unidades próprias é o cerne do negócio da Hapvida. Jorge Pinheiro trata o modelo com diferencial diante da concorrência. "Nosso modelo não é só verticalizado com recursos próprios. É muito mais do que isso. Ele é integrado, com ferramenta tecnológica própria e única", disse o CEO.

Para Caritsa Moreira, analista da VG Research, a estratégia de manter uma ampla rede de unidades próprias pode ser positiva, mas também apresenta desafios. Por um lado, permite à Hapvida NotreDame garantir a qualidade do atendimento, padronizar processos e integrar melhor os serviços oferecidos, o que pode resultar em uma experiência mais coesa e satisfatória para os beneficiários. "Mais do que isso, proporciona maior flexibilidade e rapidez na implementação de novas práticas e tecnologias, além de reduzir a dependência de terceiros." Mas alertou para o fato de requerer um investimento contínuo e significativo em infraestrutura, pessoal e tecnologia. "A



TRIO FAMILAR NA GESTÃO
Jorge Pinheiro, CEO da Hapvida (*à esq.*), seu pai Cândido Pinheiro (*centro*), fundador e presidente do conselho, e Cândido Júnior, vice-presidente do conselho

ENTREVISTA **JORGE PINHEIRO**
CEO DA HAPVIDA



"Para atingir a demanda, precisamos de algumas flexibilizações no modelo assistencial"

Qual é o atual momento da empresa?
O Brasil e o mundo passaram por momentos difíceis. A pandemia nos afetou duramente. Trouxe uma dificuldade muito grande para o setor, na ocorrência de vários novos custos. Tivemos inflação alta e reajuste negativo para os planos individuais imposto pela agência reguladora. Agora começamos a ver uma luz de melhores tempos. Nossa empresa, por ser verticalizada e integrada, conseguiu absorver com menos dificuldade. Conseguimos reduzir a sinistralidade de uma maneira mais rápida do que todo setor. Isso nos permite voltar fortemente a fazer investimentos.

Depois de finalizada a integração entre Hapvida e NotreDame Intermédica, aquisições estão nos planos?
Estamos em fase de expansão orgânica. Depois vamos pensar de novo na possibilidade de expansão por outros meios. Mas, por hora, nosso foco tem sido a integração, que foi o maior M&A que a gente poderia fazer, por todos os ativos que tínhamos acabado de adquirir.

O mercado possui 51 milhões de assinaturas de planos de saúde. Muita gente diz que chegou no teto, que é o número atingido também em 2014. O setor entrou na fase 'rouba monte' ou ainda pode ser expandido?
É importante dizer que, de acordo com as pesquisas, o brasileiro reconhece muito o trabalho da saúde privada e a grande maioria que não tem plano vê nesse benefício o segundo mais importante objeto de desejo. O brasileiro quer muito ter assistência médica. São 75% da população que não possuem. Para que a gente consiga atingir essa demanda, precisamos de algumas flexibilizações no modelo assistencial. Isso passa por um pensamento do regulador, do Legislativo e do Executivo. Seria um grande avanço se o Brasil conseguisse encontrar alguma flexibilização que pudesse permitir a uma maior faixa do brasileiro que tivesse plano de saúde.

O foco da Hapvida é na linha de planos corporativos?
Nos nossos produtos, 80% são de planos coletivos e 20% de planos individuais. Parte do mercado deixou de apostar nos planos individuais, mas acreditamos que ainda faz sentido, tem muita demanda e não vamos tirar da prateleira.

complexidade da gestão aumenta exponencialmente com o tamanho da rede, exigindo sistemas de gerenciamento altamente eficientes e uma coordenação robusta para evitar redundâncias e desperdícios." Ricardo Yamim, doutor em Direito e especialista em saúde suplementar, apontou que ter as rédeas da rede própria "facilita a gestão e permite um melhor controle de custos", mas ponderou. "Por um outro lado, a falta de parceiros pode afastar alguns possíveis clientes, que querem ser atendidos por prestadores específicos."

TECNOLOGIA O sistema tecnológico, com softwares proprietários, garante agilidade no atendimento. A integração das ferramentas está em execução. Já rodavam na rede Hapvida e estão sendo implementadas nas unidades NotreDame Intermédica. Das três ondas de integração, duas já estão concluídas, com 49 hospitais com a tecnologia padronizada. Falta a terceira onda, com pouco mais de 30 grandes unidades em São Paulo, que deve ser finalizada em junho. Kleber Linhares, CTO da Hapvida, afirmou que o processo está sendo realizado "em uma jornada sem atrito para o cliente". "Focamos na prestação de serviço", disse, sobre a base de dados consistente que é formada a partir da passagem dos pacientes pelas unidades. Tudo organizado para gerar informações e ajudar na tomada de melhores e mais rápidas decisões. "Não dá para esperar um dia ou uma semana para avaliar a situação e tomar uma decisão. Com dados gerados on-line, a tomada de decisão é fluída", disse o diretor de tecnologia. "São centenas de terabytes que não dizem nada se não tiverem estruturados para gerar insights e dados relevantes. Isso faz diferença no nosso negócio."

Enquanto a equipe de TI de Linhares trabalha, os pacientes

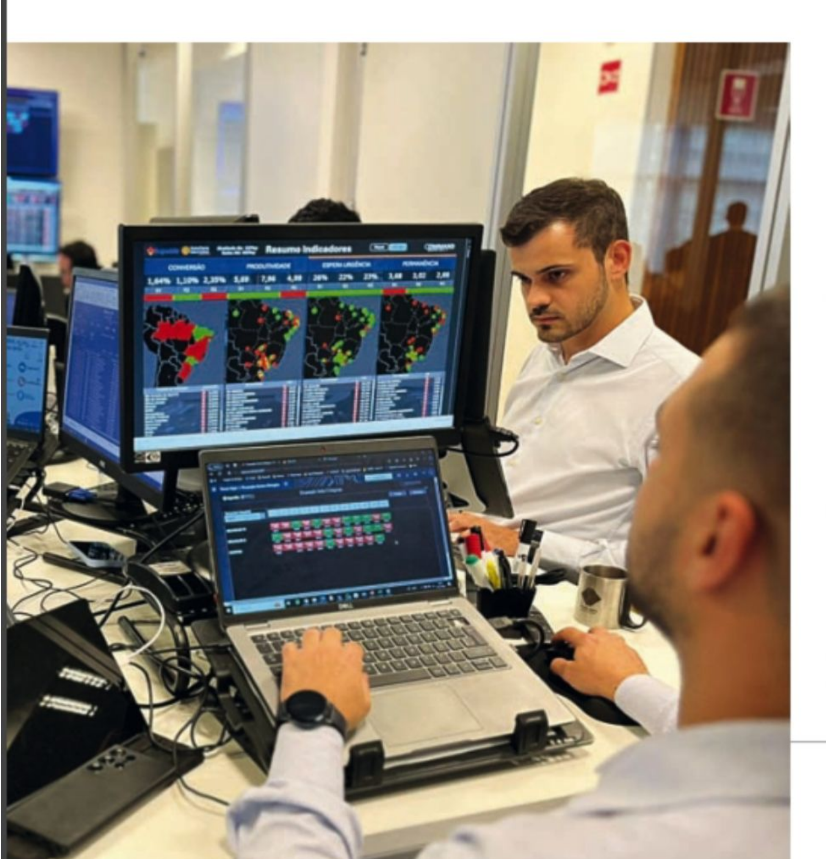


MONITOR DE DADOS
Central de controle, no Ceará e em São Paulo, avalia em tempo real centenas de indicadores para tomadas de decisões mais rápidas e assertivas



Sistema tecnológico, com softwares proprietários, garante agilidade no atendimento. Integração das ferramentas está na terceira fase de execução

continuam a utilizar os serviços com a tecnologia da operadora embarcada. Em 2022, 25% das consultas eram marcadas pelo aplicativo da Hapvida. Hoje esse índice é de 63%. Dois anos atrás, eram 5 mil teleconsultas realizadas por mês. Agora são 500 mil mensalmente. E partir dessas consultas, são gerados mais dados. As informações clínicas do paciente, os resultados dos exames, as orientações dos médicos, tudo é colocado no sistema. O material é processado e avaliado para identificar as melhores práticas e desenvolver os programas e padrões de atendimento mais eficientes. Na ponta, gera mais eficiência na gestão, como apontou o CEO da operadora, que registrou sinistralidade na casa de 68%, o mais baixo desde fusão com a Notredame Intermédica, em 2022. "Com protocolos assistenciais conseguimos ser muito mais eficientes, por exemplo, em programas de prevenção de doenças", disse Jorge Pinheiro, ao salientar em que boa parte da concorrência o usuário "tem uma experiência fragmentada e passiva".



Talvez seja um exagero do executivo, pois os players também tem avançado em tecnologia e, mais do que isso, tem se movimentado no mercado para ganhar terreno. Bradesco Seguros e a Rede D'Or se uniram em uma joint venture e criaram a Atlântica D'Or, que terá investimento inicial de R$ 1,1 bilhão para construção de três hospitais em São Paulo (Alphaville e Guarulhos) e Rio de Janeiro (Macaé). É o segundo grande movimento da Rede D'Or, que em 2022 comprou a SulAmérica em negócio avaliado em R$ 13 bilhões. Em um setor tão complexo e regulamentado, as jogadas de fusões e aquisições são dinâmicas. Vide a gigante americana United Health Group (UHG) que comprou a Amil em 2012, por cerca de R$ 10 bilhões, e vendeu a empresa no fim do ano passado, por R$ 11 bilhões, segundo fontes do mercado, para o empresário José Seripieri Filho, o Junior, fundador da Qualicorp e a Qsaúde. O foco da Hapvida neste momento é concluir a integração com a Notre-Dame Intermédica. Depois disso, obviamente vai olhar para o mercado e avaliar oportunidades. Sobre possíveis aquisições, Jorge Pinheiro desconversou. "A integração tem sido o maior M&A que a gente poderia fazer. Vamos colocar toda a nossa energia na finalização desse processo e depois pensamos em outras alternativas", disse o CEO.

Oportunidades não devem faltar, pelo desempenho do segmento, que no geral vai mal. Segundo a Agência Nacional de Saúde Complementar (ANS), as operadoras fecharam 2023 com perdas de R$ 5,9 bilhões. Enquanto isso, a Hapvida realiza sua maior operação. E tem de ser cirúrgica para manter a saúde financeira sustentável. S



AO VENCE

 FOTO: CLAUDIO GATTI

Maior fabricante de batatas fritas congeladas do País vem crescendo acima de dois dígitos por ano e projeta aumentar em 22% seu faturamento em 2024, para R$ 4,4 bilhões

Allan RAVAGNANI

EDOR, AS BATATAS

O título desta reportagem não se refere à literatura ou à teoria do "Humanitismo", elaborada pelo personagem Joaquim Borba dos Santos e apresentada no livro "Quincas Borba", de Machado de Assis, lançado em 1881, no qual Quincas explica ao amigo Rubião sua filosofia baseada na sobrevivência dos mais aptos. O enunciado aborda, sim, uma empresa vencedora, que soube se adaptar ao meio e hoje, com apenas 17 anos de existência, já lidera o mercado de batatas.

Você pode não lembrar dela pelo nome, mas a Bem Brasil é a líder de vendas de batatas fritas congeladas no País, com 53% de participação de mercado, segundo a Comex Stat+Fat, além de estar presente em 32,7% dos lares brasileiros, conforme uma pesquisa da Kantar. Esse mercado de batatas congeladas é bastante promissor. Uma pesquisa da Insight Partners apontou que o mercado global do produto deve chegar a US$ 92 bilhões até 2030, com uma taxa média de crescimento anual de 4,6%.

De passagem por São Paulo para participar da feira Apas Show, o CEO da Bem Brasil, Dênio Oliveira, separou um tempo para conversar com a DINHEIRO, e falou das avenidas de crescimento da empresa. Ele lembra que, em 2006, quando a Bem Brasil foi fundada, o consumo per capita de batatas no Brasil era de 500 gramas por ano. Atualmente, esse volume é de 3,9 quilos por pessoa. "A título de comparação, nos Estados Unidos o consumo médio é de 10 quilos e na Europa cerca de 15 quilos. Ou seja, temos um mercado com muito potencial de crescimento."

"QUEREMOS SER SINÔNIMO DA CATEGORIA E ACREDITO QUE, SE MANTIVERMOS OS RESULTADOS OBTIDOS E O CUIDADO COM O CLIENTE, CHEGAREMOS LÁ"

DÊNIO OLIVEIRA, CEO DA BEM BRASIL

RESULTADOS Em 2023 a Bem Brasil fechou o ano com receita de R$ 3,5 bilhões, um aumento de 10% na comparação com 2022, e pretende crescer mais 22% em 2024, atingindo R$ 4,4 bilhões em faturamento. Para continuar crescendo, a companhia

investiu mais de R$ 1 bilhão em sua quarta linha de produção na planta de Perdizes (MG), que elevou sua capacidade de produção de 450 mil para 500 mil toneladas de produtos por ano. O ano passado também apresentou um crescimento surpreendente de 63% no lucro antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (Ebitda).

Dênio Oliveira falou que as principais estratégias do grupo para crescer passaram por aumentar a participação em clientes estratégicos — varejo e redes de restaurantes —, realizar ações para aumentar o market share em todo o Brasil, e uma gestão estratégica do negócio e dos recursos, primando pela eficiência e trazendo ganhos operacionais.

Perguntado sobre crescimento inorgânico e uma possível abertura de capital na bolsa, Oliveira afirmou que não está nos planos da companhia realizar um IPO e que está atento a oportunidades de mercado para possíveis aquisições ou movimentos estratégicos. "Os nossos números têm sido muito positivos e temos crescido acima da média do mercado, o que demonstra a solidez da empresa", afirmou.

A respeito dos investimentos realizados, Oliveira afirmou que a Bem Brasil tem utilizado alta tecnologia e automação em várias áreas, permitindo a integração de sistemas, otimização de processos e tomada de decisões baseada em dados. "Nossas plantas industriais são altamente automatizadas, melhorando a precisão, reduzindo erros e aumentando a produtividade, inclusive com interferência manual zero nos processos de armazenagem de produtos acabados", afirmou.

Outro pilar relevante da Bem Brasil são as exportações, que representam 4% da receita da empresa — 90% dos países compradores recebem produtos com a marca Bem Brasil. Dênio afirmou, no entanto, que exportar é um negócio relativamente novo para a companhia, pois começaram a atuar em 2020. "Estamos satisfeitos com o progresso de acordo com as metas que estabelecemos para os cinco primeiros anos de trabalho no mercado exterior. Em 2023, aumentamos em 66% o volume exportado, mas sem dúvida, temos muito espaço para crescer", disse. Atualmente, a empresa embarca produtos para o Uruguai, Paraguai, Japão, Bolívia, Peru, Tailândia, Taiwan, Vietnã, Malásia, Guiana, Chile, México e Estados Unidos.





AMPLIAÇÃO DE LINHA
Investimentos de R$ 1 bilhão na ampliação da fábrica de Perdizes, em Minas Gerais (*foto acima*), aumentou a capacidade produtiva para 500 mil toneladas ao ano



PRODUÇÃO
A companhia opera com duas unidades fabris, a de Araxá (*foto acima*) e de Perdizes, ambas localizadas no Triângulo Mineiro

3,5 BI
DE REAIS FOI O FATURAMENTO DA EMPRESA EM 2023, ALTA ANUAL DE 10%

53%
PARTICIPAÇÃO DE MERCADO EM BATATAS CONGELADAS NO BRASIL

500
MIL TONELADAS DE ALIMENTOS É A CAPACIDADE PRODUTIVA DA BEM BRASIL

MIX DE PRODUTOS A marca possui uma grande variedade de produtos, com 21 itens sendo comercializados, como dadinhos de batata com queijo, anéis de cebola, batatas carinhas e polentas. Tudo é produzido em duas unidades fabris, localizadas no Triângulo Mineiro, uma em Araxá e a outra em Perdizes, com mais de 1,3 mil funcionários, e capacidade produtiva de 500 mil toneladas de produtos por ano, podendo atender até 55% da demanda nacional.

A empresa mineira tem parcerias com mais de 125 distribuidores, tanto para atender restaurantes quanto para mercados. "Buscamos sempre atender com relação custo-benefício excelente e precificação justa, temos disponível um serviço de trade marketing ativo para garantir reposição no ponto de vendas, assim como realizamos um trabalho de branding importante, investimos em novas áreas de plantio para garantir aumento do fornecimento ano a ano, entre outras diversas ações que incentivam o mercado de batatas", disse. Com isso alinhado, por meio de um relacionamento próximo e eficiente com os clientes, a empresa busca ampliar a base e ter maior penetração nos lares e estabelecimentos.

O diretor comercial da companhia, João Ricardo Coleoni, afirmou que o mercado está aquecido e é preciso aproveitar as oportunidades que aparecerão nos próximos anos. "A batata é um produto muito querido pelos brasileiros e as novidades são sempre muito bem aceitas. Temos a batata mais vendida do país e um market share que cresce anos após ano", frisou. O executivo afirmou que espera manter a liderança no Brasil e ampliar na América Latina, aproveitando que o setor está em alta.

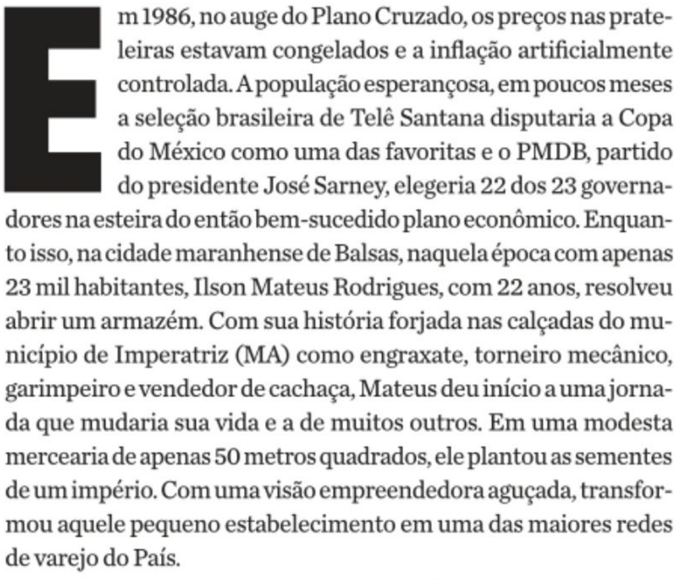
Recentemente, a Bem Brasil fez um movimento para se aproximar do consumidor. Patrocinou o Masterchef Brasil por dois anos e também o time feminino de vôlei do Praia Clube. "Queremos ser sinônimo na categoria e acredito que, se mantivermos os números positivos dos últimos anos e o cuidado em atender sempre melhor o nosso público, chegaremos lá", completou Oliveira. S

GRUPO MATEUS NA CONTRAMÃO DA CRISE



Rede de supermercados do Maranhão desafia as instabilidades do setor e cresce em tamanho, faturamento e lucro

Allan RAVAGNANI



Em 1986, no auge do Plano Cruzado, os preços nas prateleiras estavam congelados e a inflação artificialmente controlada. A população esperançosa, em poucos meses a seleção brasileira de Telê Santana disputaria a Copa do México como uma das favoritas e o PMDB, partido do presidente José Sarney, elegeria 22 dos 23 governadores na esteira do então bem-sucedido plano econômico. Enquanto isso, na cidade maranhense de Balsas, naquela época com apenas 23 mil habitantes, Ilson Mateus Rodrigues, com 22 anos, resolveu abrir um armazém. Com sua história forjada nas calçadas do município de Imperatriz (MA) como engraxate, torneiro mecânico, garimpeiro e vendedor de cachaça, Mateus deu início a uma jornada que mudaria sua vida e a de muitos outros. Em uma modesta mercearia de apenas 50 metros quadrados, ele plantou as sementes de um império. Com uma visão empreendedora aguçada, transformou aquele pequeno estabelecimento em uma das maiores redes de varejo do País.

Em maio deste ano, 38 anos depois, o Grupo Mateus publicou em seu balanço um lucro líquido de R$ 238 milhões nos três primeiros meses do ano, enquanto o faturamento do grupo totalizou R$ 7,4 bilhões no período, aumentando 25,8% em um ano. Hoje, o grupo tem mais de 40 mil funcionários, 261 lojas e valor de mercado de R$ 17,7 bilhões. Ilson Mateus, que poderia ir descansar, desafia a crise do varejo e cresce cada dia mais. Foram três novas lojas somente em 2024, somadas às 20 abertas em 2023.

Os números surpreenderam até gente grande do mercado financeiro. Os analistas do Itaú BBA afirmaram que os resultados da empresa ficaram acima das projeções da equipe, destacando a eficiência do atacarejo, que melhorou 33% em um ano, e do crescimento das vendas. Outro ponto destacado foi a margem bruta, que aumentou três pontos percentuais, para 22,3%. "Os investidores estavam céticos em relação aos resultados, considerando os desafios fiscais para o ano", afirmou o relatório do BBA.

Os economistas da Genial Investimentos destacaram a consolidação com o maior indicador de vendas mesmas lojas (crescimento orgânico) do segmento no trimestre. A Genial destacou ainda que o fim das subvenções governamentais para implementação de empresas na região Nordeste implicou em um aumento de impostos (ICMS) que pressionou os resultados finais.

Para o economista e sócio da Corano Capital, Bruno Corano, a varejista vem fazendo a lição de casa de forma "surpreendente." Segundo ele, a empresa tem sido capaz de expandir de uma maneira muito rápida e, ainda assim, conseguindo controlar o nível tanto de endividamento quanto de margens operacionais.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



“Recentemente o Grupo Mateus teve o desafio de readequar as margens, impactado por mudanças fiscais. E isso foi feito rapidamente. Os números demonstram isso”, completou. Corano acredita que, passada essa fase de expansão aguda, os números devem ser ainda melhores.

SETOR Recentemente o varejo supermercadista estava com dificuldades de aumentar sua lucratividade devido à deflação no preço dos alimentos. Nos últimos meses, com a retomada da inflação nesse segmento, o aumento dos preços voltou a dar impulso no crescimento das empresas do setor.

O vice-presidente comercial do Grupo Mateus, Sandro Oliveira, afirmou que, de fato, o setor vive um momento desafiador, mas com base em uma estratégia sólida de ocupação de espaços, ganho de relevância com fornecedores, e de apostar no que se faz melhor — que é a entrega de serviços nas lojas — o grupo está conseguindo crescer e com sustentação. “E a gente segue focado no Norte e Nordeste, ainda tem muito trabalho por aqui e a gente tem uma oportunidade muito grande para ampliar nosso ganho de relevância.”

Segundo relatório do BTG Pactual sobre o segmento, o faturamento das operações alimentícias dos grandes grupos, como Assaí, Carrefour Brasil, GPA e Grupo Mateus, cresceu impulsionados pela inflação dos alimentos, uma tendência que os analistas acreditam que deve persistir nos próximos trimestres. “Embora os varejistas de alimentos fossem quase sempre vistos como opções para investidores em busca de valor, o aumento da alavancagem das empresas nos últimos anos e o cenário volátil para a inflação trouxeram riscos adicionais ao segmento”, salientou o relatório.

No geral, espera-se que a inflação global se estabilize nos próximos trimestres, com a inflação de alimentos ligeiramente mais baixa no curto e médio prazos. Enquanto isso, os volumes das mercearias pararam de cair no final de 2023, até aumentando em alguns mercados. Por fim, o BTG apontou que, embora o setor ainda não seja uma grande aposta devido à concorrência acirrada, margens apertadas e inflação volátil, ainda é possível ver o Grupo Mateus como uma das melhores empresas. S



EXPANSÃO CONTINUADA
A rede comandada por Ilson Mateus (*foto ao lado*) inaugurou três lojas em 2024, além das 20 abertas em 2023, totalizando 262 até maio. Somente na região metropolitana de São Luiz (MA), o grupo opera 47 lojas

40 mil FUNCIONÁRIOS DISTRIBUÍDOS PELAS LOJAS DO GRUPO NAS MAIS DE 100 CIDADES QUE ATUA

262 LOJAS EM OPERAÇÃO PELO PAÍS, CONCENTRADAS NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE

R$ 17,7 bilhões É O VALOR DE MERCADO DA COMPANHIA NA B3 DE ACORDO COM A COTAÇÃO EM MAIO

INFLUENCIADORES VIRTUAIS, RESULTADOS REAIS

Na onda da digitalização do varejo, empresas investem em personagens digitais para se destacar na publicidade

Jaqueline MENDES

Quem é da época dos reclames na tevê — não dos streamings — deve se lembrar. O Baianinho, da Casas Bahia, é personagem conhecido das propagandas da rede varejista há décadas. Criado em 1960, a mascote com rosto de criança ajudou a empresa a se tornar uma potência no varejo e top of mind na preferência do consumidor. Mesmo sem saber, ele se tornaria na posteridade — nos dias de hoje — um influenciador virtual. Hoje o Baianinho integra um time de embaixadores e garotos-propaganda que tem como protagonistas também a Lu, do Magalu, e dezenas de avatares mais caricatos, como o Dollynho, do guaraná Dolly.

Os influenciadores virtuais, que são personagens fictícios, estão conquistando cada vez mais espaço no mundo da publicidade, e o Brasil tem se destacado como um local de casos de sucesso mundial nesse fenômeno. Um exemplo disso é Lu, do Magalu, que é considerada a influenciadora virtual mais popular do mundo, de acordo com dados da VirtualHumans.org, um site americano especializado no assunto. Criada em 2003, Lu fez sua estreia no mundo virtual em 2009. Ela possui mais de 30 milhões de seguidores



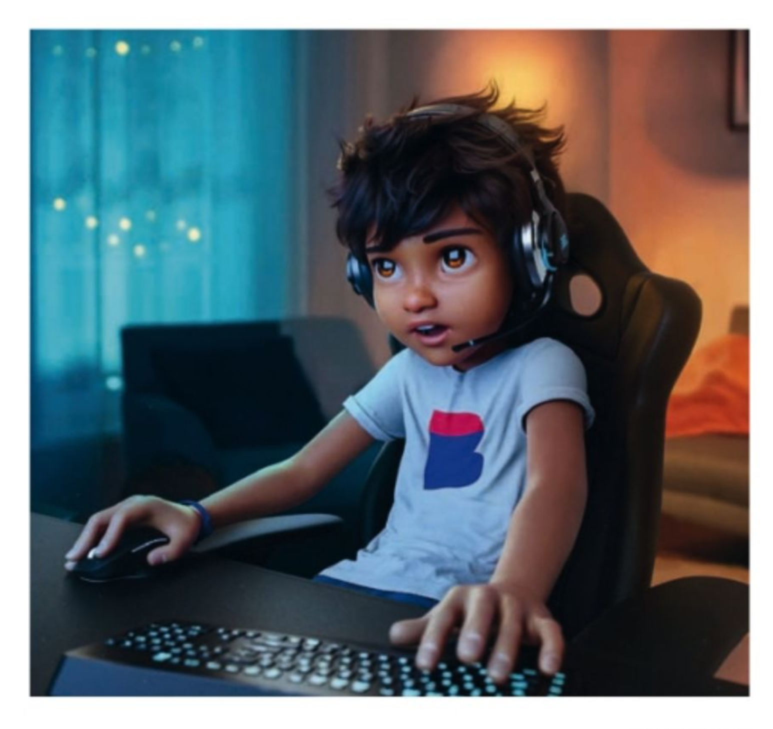
em suas plataformas no Instagram, YouTube, Facebook e TikTok, e realiza diversas postagens patrocinadas. Como comparação, a Casas Bahia, do Baianinho, possui 10 milhões de seguidores em suas redes.

Outra brasileira que figura no top 10 dos influenciadores virtuais mais populares do mundo é Any Malu, do Cartoon Network. Em reportagem publicada pelo site Tilt, do UOL, o especialista em marketing da HypeAuditor, Nick Baklanov, afirmou que surgimento dos influenciadores virtuais foi uma oportunidade recentemente percebida pelas grandes marcas para contar histórias na internet com custos menores a longo prazo. Segundo ele, embora os personagens fictícios não sejam novidade, hoje eles têm sido mais utilizados para agregar valor no mundo virtual, indo além da TV e da mídia impressa. Isso porque a tecnologia está permitindo com que os custos de produção e de manutenção dessa estratégia fiquem mais em conta. "À medida que a tecnologia avança, a produção de personagens de alta qualidade se torna mais econômica", disse o especialista, na reportagem.

CRIAÇÃO De acordo com a HypeAuditor, há quatro formas de criar influenciadores virtuais. Primeiro, como personagens CGI (sigla em inglês para imagens geradas por computador), por softwares de computador, variando desde desenhos até animações. Segundo, em modelos 3D (mais sofisticados e realistas do que os CGI). Terceiro, por meio de deepfakes. Ou seja, criados por Inteligência Artificial, gerados por manipulação ou falsificação de vídeos a partir da criação de personagens realistas, imitando celebridades ou figuras públicas. Por último, de forma híbrida, que combinam avatares, elementos virtuais e elementos da vida real.

No caso de Casas Bahia, por exemplo, a animação é 3D e ganha forma com atores usando a tecnologia de captura de movimento. Nela, um ator usa uma roupa especial com marcadores ou sensores e interpreta o personagem, gerando a animação no computador. A tecnologia usada na criação de Lu não foi revelada pelo Magalu.

FENÔMENO GLOBAL
Criada em 2003, a Lu, do Magalu, é considerada a influenciadora virtual mais popular do mundo, com 30 milhões de seguidores



MODERNO E POPULAR
O Baianinho, da Casas Bahia, possui 10 milhões de seguidores em suas redes sociais

De acordo com Cássio Braga, diretor criativo da Miagui, produtora que remodelou o Baianinho para Casas Bahia, criar um influenciador virtual varia entre R$ 15 mil e R$ 400 mil no Brasil, dependendo da complexidade e tecnologia empregada, sem contar os custos de publicidade para tornar a campanha relevante. "[O influenciador virtual] Não se torna relevante da noite para o dia, assim como você não se torna um influenciador humano do dia para a noite. A relevância é conquistada com base no esforço, na energia e no reconhecimento das pessoas nesse trabalho", afirmou Braga, na reportagem. "Outras marcas nos procuram para um projeto como a Casas Bahia, mas não entendem o nível de comprometimento e investimento necessário para alcançar o sucesso que o personagem alcançou. É um trabalho de anos com muito investimento para alcançar a relevância que Casas Bahia tem hoje." S



CONEXÃO COM O CLIENTE
Rede varejista Magalu é um dos cases de sucesso no uso de personagens virtuais para gerar maior engajamento e mais vendas



10 PERGUNTAS PARA

RENATO PAQUET
SECRETÁRIO-EXECUTIVO DA RECICLA LATAS

"O BRASIL ESTÁ PERDENDO OPORTUNIDADE DE AVANÇAR NA RECICLAGEM"

Sérgio VIEIRA

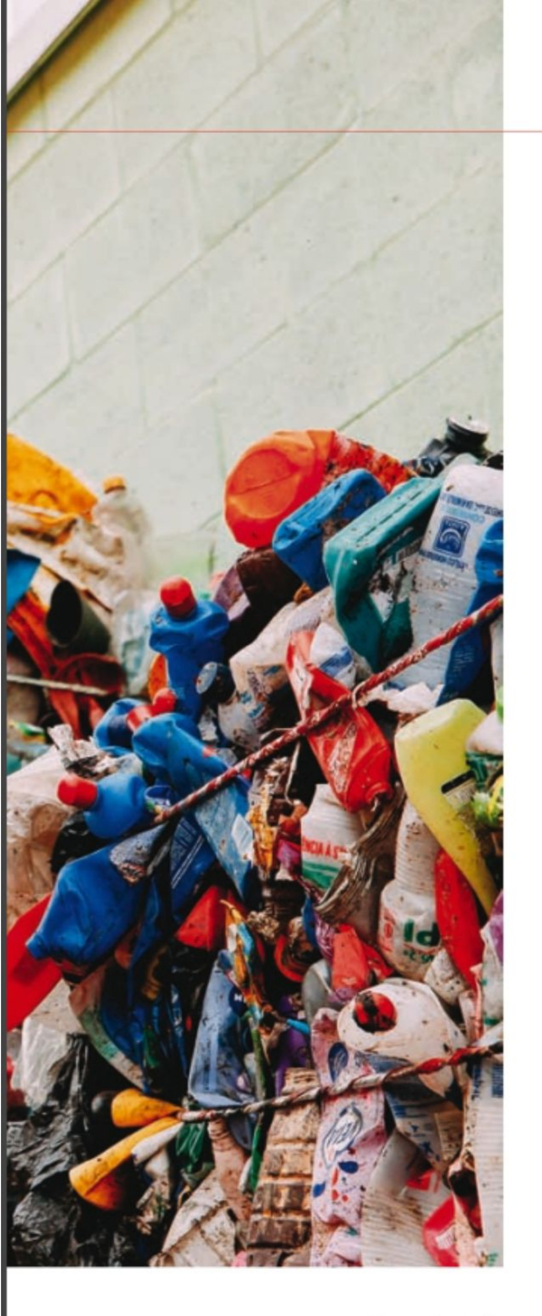
A falta de regulamentação da Lei de Incentivo à Reciclagem, aprovada em 2021, mas paralisada desde então, está fazendo com que o Brasil perca oportunidade de avançar na cadeia de logística reversa. Seriam pelo menos R$ 300 milhões ao ano para ações de infraestrutura e de apoio aos catadores e que poderiam fazer com que o Brasil crescesse no índice de reciclagem. O setor da lata de alumínio, um exemplo no País, quer contribuir nesse processo.

Porque há uma diferença tão grande entre a reciclagem de alumínio, que é um sucesso, de outras cadeias no Brasil?
Desde a primeira lata de alumínio produzida no Brasil, em 1989, o setor já investia no retorno dessa embalagem para o ciclo produtivo. Já se sabia que ela seria uma matéria-prima importante e que ajudaria a encurtar o período para fabricação de outra lata, além de gerar uma economia significativa. Por isso, o segmento de alumínio saiu na frente de outros setores. E os investimentos nesse processo de circularidade nunca pararam. Há centros de coleta de latas de alumínio em todas as regiões do Brasil. O vidro, por exemplo, é muito pesado e vale pouco. Quando bem pago, o catador recebe R$ 150 por uma tonelada de vidro. No caso da lata de alumínio, uma tonelada gera 40 vezes mais que isso. É uma disparidade grande.

E como tem sido o ecossistema econômico da reciclagem de alumínio?
Somente na reciclagem são injetados cerca de R$ 6 bilhões por ano nessa cadeia. Esse valor é o que chega aos catadores. O outro impacto, que pouca gente enxerga, é toda a malha logística envolvida nisso, com o transporte desse material. Também há a questão da economia da energia ao reciclar o alumínio. O volume economizado do setor de latas é equivalente à consumida em todo o estado de Goiás durante um ano. Fora a diminuição do custo ambiental.

Quais fatores influenciam para que, no geral, o índice de reciclagem no Brasil seja baixo?
No total, alcançamos apenas de 3% a 4% do total de resíduos produzidos que são reciclados no País. Um dos principais fatores é que nós, consumidores, não descartamos

 FOTO: DIVULGAÇÃO



corretamente nossos resíduos. E, ainda que façamos corretamente, em muitos lugares não há coleta seletiva na porta de casa. Esses são fatores fundamentais. Hoje 40% dos resíduos do País sequer vão para destinos adequados e acabam indo para lixões. É muito importante que haja essa conscientização do consumidor, mas é de igual importância trazer a responsabilidade para o setor público, no caso, os municípios, para que façam a coleta e destinação correta desses materiais.

Se o setor de latas de alumínio alcançou a marca de 100% de material reciclado, ainda há desafios nessa cadeia?
Precisamos compartilhar o nosso conhecimento. Nossa responsabilidade é de levar essas informações a outros setores para que haja igual avanço. Não existe o campeão da reciclagem. Nós temos o maior índice, mas se outros setores não fizerem sua parte, todo mundo perde. Quando se fala de meio ambiente, estamos falando de coletivo.

E qual o papel do setor público?
Precisamos capacitá-los, para que façam os planos municipais de resíduos sólidos, já com preceitos da economia circular, pensando rotas de logística reversa, na inclusão de catadoras e catadores na coleta seletiva, porque eles são os maiores interessados no material reciclado. Eles entendem mais, dialogam mais sobre isso do que os garis, por exemplo, que fazem um trabalho espetacular, mas passam nas ruas com a função de coletar os resíduos. Quando o catador é inserido, ele ainda conversa com o morador, promovendo um trabalho de educação.

Isso significa que o setor de alumínios está avançando na discussão sobre a reciclagem geral?
Exatamente. No papel da logística reversa pura e simples, que é fazer com que a lata de alumínio volte para o ciclo produtivo, nós alcançamos nosso objetivo. Agora estamos estendendo a pauta e trazendo outros setores conosco. Nesse sentido, a gente quer, até 2025, conseguir fazer a capacitação em todos os estados brasileiros, convidando os municípios desses estados. Já capacitamos mais de 1,5 mil gestores em três anos de trabalho. E precisamos avançar, por conta da urgência do tema. Se o setor de alumínio não tivesse tão avançado, esse índice seria ainda menor.

A Recicla Latas tem defendido a regulamentação da Lei de Incentivo à Reciclagem. O que ela contribuiria no avanço desse tema?
Essa foi aprovada pelo Congresso em 2021, sancionada em 2022, e, no ano seguinte, foi colocado no orçamento um montante de R$ 300 milhões, como foco quase exclusivo aos catadores. E só precisava que o rito fosse seguido, com a indicação de como esse valor seria utilizado. Mas infelizmente não foi feito. E justamente em um momento em que o valor histórico dos materiais recicláveis caiu muito.

E por qual razão isso ainda não aconteceu?
Por uma questão meramente burocrática. Era sentar, desenhar o rito e implementar. Seriam duas pessoas do Ministério da Fazenda, duas do Meio Ambiente, e uma do setor produtivo e formar um conselho. Mas isso nunca aconteceu. No momento de transição do governo, ficou bastante claro que essa era uma pauta prioritária. E o atual governo, em tese, teria uma atenção grande aos catadores. Não podemos esquecer que a Aline, uma catadora, ajudou a colocar a faixa presidencial no Lula. Então esperava-se prioridade para esse setor. Houve um gap no início do governo, mas o que se esperava seria o avanço. Infelizmente não houve essa prioridade.

No que exatamente seriam usados esses R$ 300 milhões?
Seria para ser investido na infraestrutura e cadeia de reciclagem. Por exemplo, usado na construção de galpões para cooperativas, aquisições de veículos para a coleta dos materiais, itens de proteção individual, incentivo financeiro aos catadores para complementar a renda dentro desse ciclo produtivo. E nas cooperativas mais avançadas, que não precisariam de galpão ou prensa, esse recurso poderia ser usado no avanço da cadeia, como uma máquina para triturar e lavar a garrafa PET, por exemplo. Isso está previsto na lei, em um edital que nunca saiu. Isso significa que o Brasil está perdendo oportunidade de avançar na reciclagem. E ainda em um ano que foi ruim para os catadores. Foi a soma dos resultados abaixo da expectativa em termos financeiros com a ausência de recursos que poderiam estar previstos no orçamento. Ou seja, houve perda dos dois lados.

O que resultou na queda do desempenho financeiro para os catadores?
Houve disruptura total de fornecimento de diversas cadeias, ainda com reflexo do período da pandemia. Muito setor estocou e deixou de comprar nos anos seguintes, houve importação de resíduos como papel e papelão, o que contribuiu para a queda dos preços pela metade. Como o papelão representa 40% dos materiais nas cooperativas, o impacto foi grande. Temos a perspectiva de que os valores, a partir da lei regulamentada, cheguem aos catadores ainda nesse ano, mas o fato é que ainda não há previsão no orçamento. O que falta agora é ação. S

APORTES EM S

Os investimentos em startups latino-americanas somaram mais de US$ 356,5 milhões em abril, num total de 73 rodadas, resultado mais forte do ano, igualando o melhor desempenho mensal de 2023. Ainda em abril, o Brasil representou 58,9% das rodadas e 48,6% do volume de aportes da região

Fonte: relatório mensal de Venture Capital do Distrito

"CONFIRMAMOS UMA TENDÊNCIA POSITIVA DO MERCADO ESTE ANO, COM RODADAS MAIORES SE TORNANDO MAIS FREQUENTES E UM NÚMERO DE RODADAS ACIMA DA MÉDIA DOS ÚLTIMOS 12 MESES, IMPULSIONADAS, PRINCIPALMENTE, PELAS CHAMADAS SEED STAGE"

GUSTAVO GIERUN, CO-FUNDADOR E CEO DO DISTRITO, QUE REALIZOU O LEVANTAMENTO



OPENAI LANÇA O **CHATGPT-4O**

Não. Não é ChatGPT-Quarenta. É ChatGPT-Quatro 'O'. Letra 'O' em referência a 'omni'. De multifuncional. Essa é a principal atualização (tão esperada) na ferramenta da empresa OpenAI. "É nosso melhor modelo de todos os tempos. É inteligente, é rápido, é nativamente multimodal", disse o CEO da companhia, Sam Altman, no X. O GPT-4o pode processar texto, áudio e imagem em um único equipamento. Anteriormente, existiam modelos separados para voz e imagem. Segundo especialistas, a tecnologia pode sentir emoções e tons, fazendo com que situações pareçam dramáticas ou robóticas. Pode até cantar. Alguns analistas apontam que a suave voz feminina usada na demo se parece muito com a da personagem assistente de voz de Scarlett Johansson no filme Her (2014). As consequências das inovações serão mensuradas, de fato, no decorrer dos próximos meses.

GOOGLE INAUGURA **PROJECT STARLINE EM 2025**

O Google iniciou em 2021 o Projeto Starline, uma plataforma de teleconferência com foco corporativo, que usa imagens 3D, câmeras e uma tela personalizada para permitir que as pessoas conversem com alguém como se estivessem na mesma sala. Ou quase isso. Após testes e prévias técnicas – e alguns problemas no decorrer do processo –, a gigante de tecnologia vai lançar o Starline ano que vem, em parceria com a HP. "Isso marca um passo significativo em direção a um mundo onde a conexão e a colaboração são possíveis, não importa onde você esteja", disse Andrew Nartker, gerente geral do Projeto Starline.



 INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: AFP | AETOSWIRE | DIVULGAÇÃO

STARTUPS NA AMÉRICA LATINA



EUA SOFREM SEM LINHAS DE ENERGIA SUFICIENTES

O plano tecnológico dos Estados Unidos tem avançado forte nas correntes de IA, veículos elétricos e produção de chips em larga escala. Tudo isso coloca pressão sobre as redes elétricas envelhecidas do país, que precisam do dobro da capacidade de transmissão para cumprir a meta de Joe Biden de eletricidade 100% livre de poluição por carbono. Para construir mais linhas de transmissão, a Comissão Federal de Regulação de Energia aprovou as maiores mudanças em mais de uma década no modo como as redes elétricas dos EUA são planejadas e financiadas. Há necessidade de antecipar as demandas energéticas – com previsão e financiamento –, cujos projetos são esperados para os próximos 20 anos. A expectativa é impulsionar as energias eólica e solar.

TEMPESTADES SOLARES AFETAM GPS DE TRATORES

As mais fortes tempestades solares registradas nos Estados Unidos desde 2003 atingiram os satélites GPS usados pelos tratores autônomos, que começaram a errar os caminhos nas lavouras. Com isso, em partes do Centro-Oeste americano, os agricultores tiveram de interromper o plantio de milho, o que pode reduzir a o rendimento da colheita que prometia ser histórica. A LandMark Implement, proprietária da John Deere, alertou os produtores para desligar um recurso que usa receptor fixo para corrigir os caminhos dos tratores.





SONY NOMEIA NOVOS LÍDERES DO **PLAYSTATION**

Sai um, entram dois. A Sony decidiu nomear dois co-CEOs para liderar seus negócios PlayStation no lugar de Jim Ryan, que se aposenta. Hermen Hulst e Hideaki Nishino vão liderar os negócios da plataforma de game. É a primeira vez que a Sony nomeia dois comandantes. Isso ocorre em meio a demissões de 900 funcionários do PlayStation nos últimos 18 meses e o encerramento dos estúdios em Londres, no Reino Unido. A Sony reduziu suas previsões de vendas do console PS5 no último trimestre. Agora o mercado está de olho no que dois vão fazer no lugar de um para alavancar os negócios.



ARTISTAS NACIONAIS ADICIONADOS ÀS PLAYLISTS DA PLATAFORMA CRESCEM 80% DESDE 2019. PAGAMENTOS A CANTORES DO PAÍS ATINGIU R$ 1,2 BILHÃO EM 2023

O ritmo brasil

Patrícia BASILIO

 | FOTOS: DILARA IREM SANCAR/ANADOLU/ANADOLU VIA AFP | DIVULGAÇÃO









IA DJ
Robô apresenta um show personalizado de músicas para cada assinante e comenta sobre artistas e canções. Recurso é oferecido em inglês em mais de 50 países

ileiro do Spotify

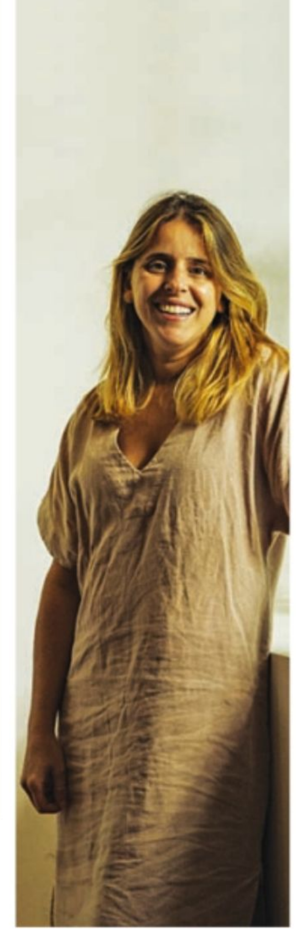
Aguardar a música favorita tocar no rádio ficou em um passado distante. Com a chegada das plataformas de streaming na década passada, a experiência do entretenimento musical passou a ser cada vez mais personalizada por meio de algoritmos de Inteligência Artificial. Hoje, os aplicativos conseguem indicar não só canções favoritas, como também playlists em diferentes categorias e fases das vidas das pessoas. O Spotify, empresa sueca líder no segmento, é uma das que aposta nessa estratégia para atrair novos usuários, principalmente assinantes, e testa as soluções em diferentes países antes de adotá-las globalmente. A lista "Máquina do Tempo" — que sugere músicas da adolescência — está sendo testada no Brasil para assinantes. Outra ferramenta em avaliação no País é a página de contagem regressiva, em que fãs podem aguardar o lançamento de um álbum ou videoclipe de seu artista favorito. "O Brasil tem uma singularidade no consumo de música doméstica e cria um ambiente interessante para a interação do público com seus criadores. O engajamento do brasileiro também é muito grande", disse Roberta Pate, líder de negócios no Spotify Brasil.

A próxima fase de inovação da gigante de streaming conta com Inteligência Artificial generativa. Chamado de "IA DJ", o robô adapta um show para cada assinante do Spotify, selecionando as músicas e fazendo comentários sobre artistas e canções, sem a parte de pausa para a publicidade. O recurso é oferecido em inglês em mais de 50 países, como Singapura, Paquistão, Filipinas, Nova Zelândia, África do Sul, Reino Unido e Nigéria, mas ainda não está disponível no Brasil. A voz artificial é alimentada pela Sonantic AI, startup que traduz texto em fala comprada pelo Spotify em 2022. "É uma voz que vai conversando com você como se fosse uma rádio, independentemente da hora que você liga", afirmou a executiva.

Com investimento em tecnologia e parcerias estratégicas com artistas, a plataforma registrou o maior pagamento anual à indústria musical global de um único varejista em 2023, com mais de US$ 9 bilhões. Desde a sua fundação, são

"Estamos testando ferramentas para que usuários tenham experiências interativas com os artistas, como um vídeo de oito segundos em looping na apresentação do álbum, videoclipes musicais e stories dos artistas contando novidades"

CLARA ALZUGUIR
HEAD DE PARCERIAS COM ARTISTAS E GRAVADORAS DO SPOTIFY NO BRASIL





"A gente teve uma retomada muito forte após a demanda reprimida da pandemia e queremos continuar explorando como trazer o artista para o usuário por meio de experiências digitais"

ROBERTA PATE
LÍDER DE NEGÓCIOS NO SPOTIFY BRASIL

mais de US$ 48 bilhões. Pela primeira vez, o catálogo de artistas independentes e artistas assinados com gravadoras independentes representou metade do que toda a indústria gerou na plataforma em 2023. No Brasil, esse número é maior: mais de 70% de todas as receitas geradas por artistas brasileiros no Spotify no ano passado foram de artistas ou gravadoras independentes. "Hoje em dia, é muito mais rápido e barato para um artista produzir, promover e distribuir o conteúdo. Além disso, o País historicamente consome e valoriza muito a própria cultura", analisou Roberta.

Os números corroboram a afirmação da executiva. A quantidade de artistas brasileiros adicionados às playlists do Spotify aumentou 80% desde 2019. Em 2023, os pagamentos feitos pela plataforma a cantores nacionais atingiram o total de R$ 1,2 bilhão, quatro vezes do que 2018, segundo relatório Loud & Clear. "A gente teve uma retomada muito forte após a demanda reprimida da pandemia e queremos continuar levando o artista para o usuário por meio de experiências digitais", salientou a líder de negócios do Spotify Brasil.

Para aproximar os artistas dos fãs, Clara Alzuguir, head de parcerias com artistas e gravadoras no Brasil, atua para retomar alguns conceitos do passado, como encartes de CD, aplicando novas tecnologias. "Estamos testando ferramentas para que usuários tenham experiências interativas com os artistas, como um vídeo de oitos segundos em looping na apresentação do álbum, videoclipes musicais e stories dos artistas contando novidades."

Segundo relatório divulgado pelo Spotify, a plataforma fechou 2023 com 602 milhões de usuários ativos por mês, um crescimento de 23%, ou 113 milhões de novos usuários, na comparação com o ano anterior. Em relação ao número de assinantes premium, o crescimento foi de 15% no último ano, passando de 205 milhões para 236 milhões de usuários. É música para os ouvidos dos fãs e receita para os artistas e o Spotify.



BRASILIDADE NO STREAMING



R$ 1.2 BILHÕES
Receitas geradas por artistas brasileiros em 2023



600%
Crescimento de receita gerado por artistas brasileiros desde 2017



100 bilhões
Vezes em que artistas brasileiros foram escutados pela primeira vez



9.500
Artistas brasileiros foram adicionados às playlists da plataforma em 2023

80%
Aumento na quantidade de artistas brasileiros adicionados às listas de música desde 2018

Fonte: Relatório Loud & Clear 2024, do Spotify



milk & mellow
gelato
ASSISTA AQUI A
NOSSA PRODUÇÃO
APONTE SUA
CÂMERA E PEÇA JÁ!
milk & mellow
gelato italiano
sabor
CHOCOLATE
Cioccolato
milk & mellow
gelato italiano
WWW.MILKMELLOWGELATO.COM.BR
SIGA-NOS: @MILKMELLOWGELATO
PEÇA NOSSAS DELÍCIAS
PELO IFOOD
ifood

Accenture lança em São Paulo o primeiro estúdio de tecnologia da América Latina para destacar potencial da inovação às empresas do Brasil **Patrícia BASILIO**

IA GENERATIVA COLOCADA À PROVA

Imagine ser recepcionado por um cão-robô, receber as boas-vindas de uma assistente virtual com Inteligência Artificial projetado por LED e dirigir uma Lamborghini por meio de realidade aumentada? É nesse ambiente futurista que executivos de grandes empresas nacionais e internacionais visitam o Gen AI Studio da Accenture, primeiro laboratório de Inteligência Artificial generativa da consultoria na América Latina, lançado no início de maio, na Zona Sul de São Paulo. Criado em Davos, na Suíça, o Gen AI Studio faz parte de uma estratégia da Accenture para desenvolver e escalar soluções em IA generativa em parceria com mais de 1 mil empresas globais. No Brasil, o desafio é ainda maior: destacar o potencial da inovação para os executivos diante do receio da adoção de novas tecnologias.

Segundo Vivek Lutra, líder da data e IA da Accenture para mercados em crescimento, os executivos brasileiros estão adotando soluções com IA generativa cautelosamente porque têm dúvidas sobre como escalá-la sem elevar o risco de reputação da companhia. Uma pesquisa elaborada pela própria consultoria mostra que 98% das empresas contam com algum projeto de IA generativa, mas 95% ainda estão na primeira etapa de adoção segura. Para Arnab Chakraborty, líder global de responsible AI da Accenture, os executivos precisam en-



"Técnicas e ferramentas de IA irão trazer à tona a necessidade de evolução e adaptação do conhecimento nas corporações"

FLAVIA PICOLO
LÍDER DA ACCENTURE TECHNOLOGY PARA BRASIL E AMÉRICA LATINA



frentar suas inseguranças para crescer. "Os riscos sempre vão existir, mas estamos vendo uma movimentação global para a regulamentação da IA, que ficará ainda mais segura e responsável", afirmou.

Flavia Picolo, líder de Accenture Technology para Brasil e América Latina, explicou que a própria natureza estatística dos modelos de linguagem em larga escala (LLM) não permite eliminar alucinações (erros não justificados por dados), mas é possível fazer seu gerenciamento. "É sempre necessária a revisão de um modelo operacional em que especialistas em um determinado processo ou atividade que está sendo automatizada por técnicas de IA generativa estejam envolvidos", alertou a executiva. Ela reforçou também importância da qualificação e constante adaptação dos profissionais que atuam com essas ferramentas: "A adoção de técnicas e ferramentas de IA generativa nos processos corporativos irá trazer à tona a necessidade de evolução e adaptação do conhecimento em muitos departamentos das corporações."

De acordo com a Accenture, a expectativa é que parte dos US$ 3 bilhões investidos pela consultoria até 2026 em dados e IA ajude a ampliar o capital humano, dos atuais 50 mil profissionais especializados para 80 mil no período.

VELOCIDADE Cliente da Accenture na Itália, a icônica marca italiana Lamborghini adotou uma combinação de IA generativa e de realidade mista para potencializar o desempenho de pilotos de corrida. Pelo simulador, o profissional dá uma volta gravada com o piloto sérvio Milos Pablovic, em um circuito, e tem seus batimentos cardíacos monitorados. O projeto foi apresentado neste ano no Techvision na Consumer Electronics Show (CES), em Las Vegas (EUA). "No futuro, a IA generativa pode te ajudar a pensar em como dirigir um pouco melhor, como gastar menos combustível e onde ganhar mais velocidade. Atualmente, os carros autônomos ainda não fazem isso", ponderou Daniel Franulovic, líder de Metaverso para a América Latina na Accenture. Fato é que a IA generativa está sendo colocada à prova. $

FUTURO PROMISSOR

Tradicional marca italiana, a Lamborghini adotou simulador com IA generativa e realidade mista para treinar pilotos de corrida e ajudá-los a conduzir melhor

MERCEDES-BENZ ATUALIZA LINHA DE ELÉTRICOS COM PACOTE ESPORTIVO AMG

Marca que possui o maior portfólio de automóveis 100% elétricos no segmento de luxo, com sete modelos disponíveis no Brasil, a alemã Mercedes-Benz acaba de trazer para o País as novas versões dos modernos SUVs EQA 250 e EQB 350. Lançados no final de 2022, ambos receberam atualizações tanto no design quanto na maximização de autonomia e chegam equipados com o Pacote Esportivo AMG, que incorpora o DNA da divisão de alta performance da montadora para aprimorar a experiência de dirigir também no segmento de eletromobilidade. A principal atualização no design é percebida na grade frontal com o padrão de estrelas em fundo na cor preta — presentes em outros modelos elétricos da marca. Uma faixa luminosa conecta as luzes diurnas dos faróis, enquanto as rodas de liga com revestimento na cor da carroceria completam o apelo esportivo. O SUV compacto EQA 250 tem preço sugerido de R$ 399.900, enquanto o EQB 350 4Matic, oferecido agora em versão 4x4, com dois motores que geram 292 cv e autonomia de até 272 km, parte de R$ 449.900 nas concessionárias Mercedes-Benz.



DESIGN

"DAR FORMA À FORMA" EXIBE ÍCONES DO MODERNISMO

Um trajeto de 60 anos pela história da Móveis Forma, incubadora do design moderno no País, pode ser percorrido na Teo Galeria, em São Paulo, por meio de visitas guiadas que ocorrem de hora em hora. Na mostra, que tem entrada franca, estão presentes cerca de 160 móveis e objetos selecionados, ocupando mais de 850 metros quadrados nos dois andares da galeria. Como a Forma foi também pioneira na comercialização de ícones do mobiliário internacional, há raridades como a mesa de escritório da Knoll, peças do arquiteto americano Warren Platner e exemplares da escola alemã Bauhaus. Em cartaz até agosto na Rua João Moura, 1298, Pinheiros, São Paulo. De segunda a sexta-feira, das 11h às 20h, e aos sábados, das 10h às 14h.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



RELÓGIO

CARTIER REVISITA MODELO DE 1985

Fiel à sua primeira versão, lançada em 1985, o novo Pasha de Cartier reúne elementos que vão além da relojoaria clássica. A caixa, de 30 milímetros de diâmetro e 8,2 mm de espessura, é toda em ouro rosa 750/1000; o bisel, engastado com 42 diamantes de lapidação brilhante; a coroa, canelada e ornamentada com safiras; o mostrador, flinqué opalino; e os ponteiros, de aço forjado em forma de losango. O modelo tem movimento de quartzo e é resistente à água até profundidades de aproximadamente 30 metros. Vem com duas pulseiras em couro de crocodilo vermelho e cinza com sistema intercambiável QuickSwitch e fivela em ouro rosa. Custa R$ 137.000 no e-commerce da Maison (cartier.com.br).





PERFUME

A COLEÇÃO **UPPER** PREMIUM DE O BOTICÁRIO

Lançada em 2022 com o propósito de trazer para o Brasil as principais tendências olfativas do mercado de alta perfumaria internacional, a linha Privèe de O Boticário apresenta sua primeira extensão de fragrâncias com a série imitada Privée La Collection aux Légumes, que explora os vegetais como ingredientes protagonistas na formulação das fragrâncias. São quatro fragrâncias que destacam os vegetais ervilha, tomate, beterraba e cenoura. "Exploramos a pluralidade presente em cada vegetal, extraindo seus melhores óleos, a fim de serem realmente o protagonista em sua pirâmide olfativa", afirmou Quentin Bisch, perfumista internacional da Casa de Fragrâncias Givaudan. A coleção está disponível no e-commerce e nas lojas-conceito da marca ao preço de R$ 409.

GASTRONOMIA

NELITA LANÇA **MENU A R$ 590**

Para celebrar o terceiro aniversário do Nelita, cuja cozinha autoral mereceu o 21º lugar no Latin America's 50 Best Restaurants, a chef **Tássia Magalhães**, de 34 anos, foi buscar inspiração em suas origens no Vale do Ribeira, região em que nasceu e foi criada. A degustação de 11 etapas é servida apenas no jantar de terça-feira a sábado ao preço de R$ 590. Entre os destaques, vieira com pupunha e alho poró e linguini com cenoura e ovas de truta. Formada pelo Hotel Escola Senac de Campos do Jordão (SP), a chef já atuou em casas como o dinamarquês Geranium (três estrelas Michelin), recebeu o prêmio New Talent Award 2024 e foi incluída na francesa La Liste. Seu restaurante fica na Rua Ferreira de Araújo, 330, Pinheiros, São Paulo.









TECENDO UM CAMINHO BILIONÁRIO

Quarta geração à frente da Altenburg, centenária empresa catarinense de roupas de cama, prevê faturar mais de R$ 1,2 bilhão em três anos com franquias e itens de alto padrão

Letícia FRANCO

Há 102 anos, a Altenburg começou a tecer sua história no segmento de roupas de cama, banho e decoração, quando a imigrante alemã, Johanna Altenburg, iniciou em sua casa, em Blumenau (SC), a produção artesanal de acolchoados. Em 1946, o filho Arno assumiu para impulsionar o crescimento da empresa. Mas foi sob liderança de Rui Altenburg, neto de Johanna, que a companhia passou de uma pequena operação familiar para uma das maiores produtoras têxteis do Brasil. Após mais de cinco décadas à frente da marca, agora é a vez de Tiago Altenburg — quarta geração da família e filho de Rui — tecer novos caminhos, que devem tornar a empresa bilionária. No plano da Altenburg, a expectativa é de chegar em 2027 com receita acima de R$ 1,2 bilhão. Em 2023, o faturamento foi de R$ 670 milhões.

Crescer mais de 70% nos próximos três anos é o grande desafio do engenheiro sob direção da holding familiar, que contempla lençois, travesseiros, edredons, toalhas, entre outros artigos de alta qualidade. Por ano, o grupo vende cerca de 20 milhões de produtos. Segundo Tiago Altenburg, presidente da empresa, é essencial encontrar projetos estruturantes que sustentem os novos patamares de crescimento. "Trata-se de um plano de continuidade para fomentar o negócio e deixá-lo mais resiliente às mudanças do mercado, com transparência no processo de escolha e segurança para os players envolvidos", afirmou à DINHEIRO.

Os fios da nova fase da centenária parecem entrelaçados. A grande novidade foi o lançamento de um modelo de franquias, inaugurado no dia 8 de maio com uma loja em Ja-

 FOTOS: DIVULGAÇÃO



ALTO PADRÃO
Tiago Altenburg, quarta geração a assumir a empresa, diz que as franquias seguirão mesmo conceito de credibilidade e elegância das lojas próprias

raguá do Sul (SC). Até então, a Altenburg tinha apenas unidades próprias desde 1969, quando a primeira loja foi lançada, além do e-commerce. Com 10 lojas no Sul e cinco em São Paulo, a empresa estima a abertura de cinco unidades em 2024, sendo mais três franqueadas. O formato deve impulsionar o aumento da receita em 20% neste ano, aliado ao investimento em produtos.

POR DENTRO A franquia na região Norte do estado catarinense integra os planos da empresa de adotar um modelo de crescimento espiral, começando com unidades próximas da sede. Dessa forma, no médio prazo, a companhia projeta a abertura de cerca de 150 franquias, volume que tem o potencial para representar 30% do faturamento. O formato de franquias foi desenvolvido para espaços entre 85 e 120 metros quadrados e os investimentos variam de R$ 450 mil a R$ 800 mil, considerando a taxa de franquia de R$ 50 mil. "É o momento de investir em novas áreas, como por exemplo, entrar no mercado do Sudeste e Centro-Oeste e ir além do Sul", disse o executivo.

Das franquias ao marketing, a premissa segue a mesma: levar e fortalecer a credibilidade e elegância dos artigos da Altenburg para ir muito além da região Sul. Os investimentos no marketing, sobretudo em branding, devem ultrapassar os R$ 100 milhões. Tudo isso para aprimorar a comunicação do catálogo da Altenburg, reforçando atributos e estimulando bons hábitos dos consumidores. O presidente da companhia afirmou que o aporte visa também a penetração da Altenburg em todos os países da América Latina.

Fios, linhas e a tradição de mais de 100 anos elevaram as roupas de cama e banho da marca ao status de protagonista da decoração, tecendo não apenas lençois, mas transformando o descanso em um momento de puro luxo. Nesse sentido, a Altenburg Haus, uma linha de alto padrão, criada em 2020, se destaca pelo catálogo minimalista, composto por itens com uma cartela de cores neutra, de fácil coordenação, e que podem chegar a R$ 35 mil, como é o caso um conjunto exclusivo de lençois e colcha. Os materiais que compõem as peças são importados com produtos de 300 e 400 fios em algodão e linho, bambu e seda. Aspectos importantes em um universo onde o toque é tão vital quanto a estética. Segundo Tiago, a divisão premium corresponde a 1% do faturamento, número que sobe para 20% no mix de produtos das lojas próprias.

O foco em design, conforto e qualidade mantém os edredons, colchas, jogos de lençois, protetores de colchão e travesseiros como os principais artigos comercializados pela empresa. No caso de travesseiros, a Altenburg tornou-se uma das maiores produtoras da América Latina, fabricando por mês mais de 1 milhão de itens dos 50 tipos que compõem essa linha. Embora a marca catarinense percorra um novo caminho, com novidades no modelo de negócios, gestão e branding, a preservação da qualidade da matéria prima e a alta tecnologia são fios condutores para a continuidade do sucesso da centenária rumo à casa do bilhão. **S**

NO GOSTO DO CLIENTE
Entre travesseiros, edredons, lençois e colchas, empresa vende cerca de 20 milhões de produtos ao ano





Dinheiroemação

POR PAULA **CRISTINA**

PETRÓLEO

LUCRO DA PETROBRAS CAI 38%, PARA R$ 23,7 BILHÕES



Na semana em que o presidente Lula oficializou a saída de Jean Paul Prates do comando da Petrobras, o balanço da petroleira também deu o que falar. O lucro líquido de R$ 23,7 bilhões, caiu 38% na comparação anual, e ofuscaou, em parte, o pagamento dos dividendos e JCP da ordem dos R$ 13,4 bilhões.

Do ponto de vista do balanço, tirando toda tensão política da saída de Prates, o mau humor do mercado refere-se à queda no volume de vendas, quando comparado ao ano passado. Analistas e corretoras previam que o lucro líquido bateria R$ 31,6 bilhões, mas perdas de resultados operacionais, despesas maiores que as esperadas e a desvalorização cambial cobram seu preço. A expectativa é que a empresa equacione tais baixas nos próximos trimestres, e não se deixe contaminar pelo ambiente político, com incertezas sobre o rumo da companhia.

Em relatório, o banco Safra pontuou que o resultado da Petrobras ficou abaixo das suas expectativas, com destaque para o Ebitda, que caiu 17% em relação ao 4T23, diante da queda nos volumes de petróleo e derivados, também devido à redução do preço do petróleo e das margens do diesel. Em relação aos dividendos – que totalizaram R$ 13,45 bilhões – o Safra avaliou que eles ficaram em linha com a política da empresa, mas superiores à previsão da casa de R$ 10 bilhões.

"Apesar dos resultados abaixo do esperado, acreditamos que a atenção do mercado estará majoritariamente no potencial pagamento de dividendos extraordinários e incluirá gradualmente o calendário para o arranque das novas plataformas que deverão dar suporte ao guidance de produção", disse o banco. Fator determinante, junto com o novo presidente, para melhora das ações.

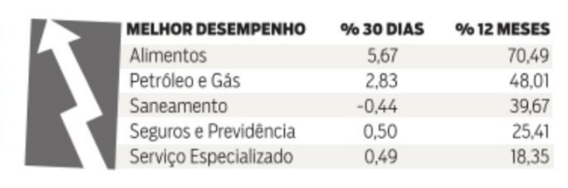
INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	4º TRI/23	3º TRI/23	2º TRI/23	1º TRI/23	2023
PIB (DESSAZ.)	0,0%	0,0%	0,8%	1,3%	2,9%
PIB EM US$ BILHÕES *	2.173,2	2.103,7	2.039,4	2.005,9	2.173,2
ATIVIDADE **	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-2,8%	5,4%	3,7%	0,9%	1,9%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	5,7%	8,1%	3,9%	1,2%	5,9%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	7,9%	7,8%	7,6%	7,4%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	78,4%	78,6%	78,5%	78,6%	-
INADIMPLÊNCIA ***	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**MÉDIA EM 2024**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,3%	4,2%	4,2%	4,0%	4,2%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,4%	5,5%	5,5%	5,6%	5,5%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	2,1%	2,2%	2,3%	2,0%	2,2%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	3,2%	3,3%	3,3%	3,2%	3,3%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	MAR/24 A ABR/23	FEV/24 A MAR/23	JAN/24 A FEV/23	DEZ/23 A JAN/23	NOV/23 A DEZ/22
RESULTADO NOMINAL	9,06%	9,24%	9,07%	8,91%	7,83%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,29%	2,44%	2,25%	2,29%	1,22%
	MAR/24	**FEV/24**	**JAN/24**	**2023**	**2022**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	75,70%	75,53%	75,12%	74,42%	71,68%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	66,35%	66,36%	65,95%	65,58%	62,70%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,35%	9,17%	9,17%	8,84%	8,98%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**ABR/24**	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	9.591	5.012	8.741	23.345
EXPORTAÇÕES	30.920	27.731	23.462	26.737	108.849
IMPORTAÇÕES	21.879	20.502	18.222	20.511	81.114
SALDO COMERCIAL	9.041	7.228	5.240	6.226	27.736
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-4.579	-4.513	-5.307	-14.398
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	355.008	352.705	355.066	355.008
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	355.733	353.378	344.888	355.733

** Acumulado nos últimos 12 meses; ** Em relação ao mesmo período do ano anterior, exceto utilização de capacidade instalada e taxa de desemprego; *** Em proporção do volume de crédito concedido. - Recursos Livres (a) Superávit = (-) e Déficit = (+), conforme notas econômicas do BACEN*

DESEMPENHO DAS EMPRESAS POR SETOR DE ATIVIDADE



MELHOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Alimentos	5,67	70,49
Petróleo e Gás	2,83	48,01
Saneamento	-0,44	39,67
Seguros e Previdência	0,50	25,41
Serviço Especializado	0,49	18,35

PIOR DESEMPENHO	% 30 DIAS	% 12 MESES
Açúcar e Álcool	-0,58	-12,00
Construção	-15,74	-15,30
Químico	-10,74	-16,51
Serviço de Locação	-4,36	-18,31
Agronegócio	1,02	-22,70

Fonte: Austin Rating de 14/mai/24

 FOTOS: FLICKER | ISTOCK

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	ABR/24	MAR/24	FEV/24	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,33%	0,26%	0,46%	1,51%	2,77%
IGP-M (FGV)	0,31%	-0,47%	-0,52%	-0,60%	-3,04%
IGP-DI (FGV)	0,72%	-0,30%	-0,41%	-0,26%	-2,32%
IPCA (IBGE)	0,38%	0,16%	0,83%	1,80%	3,69%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,30%	0,24%	0,42%	1,48%	4,15%
JUROS/APLICAÇÃO	**ABR/24**	**MAR/24**	**FEV/24**	**NO ANO**	**12 MESES**
CDI	0,89%	0,83%	0,80%	3,53%	12,32%
TLP	0,47%	0,42%	0,40%	1,77%	5,43%
POUPANÇA	0,60%	0,53%	0,51%	2,25%	7,63%
TJLP	0,54%	0,53%	0,53%	2,14%	6,79%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,85%	0,74%	0,73%	3,25%	11,12%

CÂMBIO/PETRÓLEO	14/05/2024	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,136	0,70%	-5,73%	-4,13%
US$/EURO	1,082	1,25%	-2,13%	-0,35%
IENE/US$	156,52	0,68%	-9,60%	-13,33%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	82,78	-5,78%	7,45%	11,61%

MERCADOS FUTUROS 14/05/2024	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
CÂMBIO (R$/US$)	5,137	5,169	5,199	5,227
	JUN/24	**AGO/24**	**OUT/24**	**DEZ/24**
DI DE 1 DIA (% A.A.)	10,40	10,34	10,33	10,34
	JUN/24	**AGO/24**	**OUT/24**	**DEZ/24**
IBOVESPA (PONTOS)	129.489	131.524	133.529	135.502
	MAI/24	**JUL/24**	**SET/24**	**DEZ/24**
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	244,85	250,20	241,75	238,75

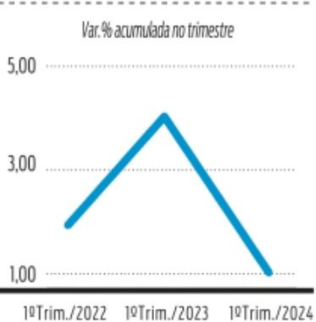
AUSTIN

JUROS FUTUROS

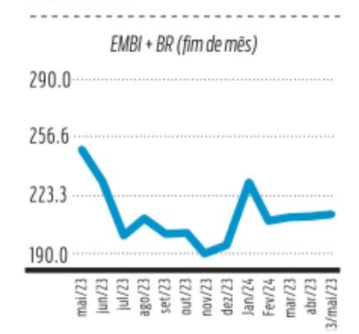
14/05/2024



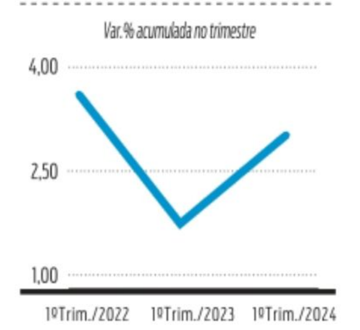
IBC-BR (BACEN)



RISCO-PAÍS



PIB TX DE CRESCIMENTO REAL (EUA)



DESTAQUE POSITIVO DA SEMANA Redução de 84,6% no prejuízo do primeiro trimestre, para R$ 2,8 milhões, faz ações da Ser Educacional dispararem

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*15/mai/24 (inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 2024	01/09/2024	Selic	0,83%	3,98%	12,22%
Tesouro Prefixado (JS) 2025	01/01/2025	Prefixado	0,54%	3,35%	12,58%
Tesouro IPCA+ (JS) 2024	15/08/2024	IPCA	0,61%	4,17%	10,22%
Tesouro IGPM+ (JS) 2031	01/01/2031	IGP-M	-0,54%	-1,19%	2,35%
Tesouro Prefixado 2024	01/07/2024	Prefixado	0,77%	3,86%	12,66%

MAIORES ALTAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
VIVEO	Saúde	43,69
ONCOCLÍNICAS	Saúde	31,42
TIME FOR FUN	Entretenimento	26,73
PORTOBELLO	Industrial	26,62
SER EDUCACIONAL	Educação	22,27

MAIORES BAIXAS DA SEMANA*

Ação	Setor	%
BRF S/A	Varejo	-11,54
HAPVIDA	Saúde	-12,81
CBA	Industrial	-13,16
MELIUZ	Tecnologia	-18,39
ESPAÇOLASER	Estética	-19,49

Fonte: Austin Rating *14/05 a 05/05

TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	128.515
Mínima	124.388
Máxima	131.689

Fonte: B3* Até 14/05/2024

IBOVESPA

em milhares de pontos



*Até 14/05/2024

BOLSAS NO MUNDO

14/05/2024			COTAÇÃO (MOEDA LOCAL)			VARIAÇÃO (US$)	
Mercado	Índice	Pontos	% mês	% ano	% 12 m.	% mês	% ano
Brasil	Ibovespa	128.515	2,06%	-4,23%	17,87%	2,78%	-9,71%
Brasil	IBrX 100	54.324	1,91%	-3,77%	18,46%	2,63%	-9,28%
EUA	Dow Jones	39.558	4,61%	4,96%	18,62%	4,61%	4,96%
EUA	Nasdaq	16.511	5,45%	9,99%	33,53%	5,45%	9,99%
Japão	Nikkei 225	38.315	-0,24%	14,49%	29,33%	0,44%	3,51%
China	Shanghai	3.146	1,34%	5,76%	-4,97%	1,45%	3,89%
Alemanha	DAX 30	18.710	4,34%	11,69%	17,55%	5,65%	9,32%
França	CAC 40	8.226	3,02%	9,05%	10,89%	4,31%	6,73%
Reino Unido	FTSE 100	8.428	3,49%	8,99%	8,36%	4,12%	7,86%

Fonte: Austin Rating



SE EU ESTIVESSE INTERESSADO EM INVESTIR EM GOLPES, SERIA A INDÚSTRIA EM MAIOR CRESCIMENTO DE TODOS OS TEMPOS E, DE CERTA FORMA, POSSIBILITADA PELA IA



WARREN BUFFETT, CEO da Berkshire Hathaway, em evento anual da companhia

+27,6%

Foi o aumento do lucro liquido ajustado do BTG Pactual no primeiro trimestre, sobre um ano antes, para R$ 2,88 bilhões. O retorno ajustado sobre o patrimônio líquido (ROAE) foi de 22,8% no primeiro trimestre, e o patrimônio líquido do banco foi para R$ 51,962 bilhões, alta de 17,5% em 12 meses

R$

939 bilhões É o volume de créditos previdenciários não recebidos pelo INSS entre 2011 e 2021, segundo o TCU. A cifra é quase três vezes o tamanho do rombo atual da Previdência Social. A pendência referente apenas às contribuições devidas, mas não recolhidas

US$

138 bilhões É a cifra que o Ministério das Finanças da China planeja começar a levantar em títulos especiais do Tesouro de longo prazo para angariar fundos que serão usados para estimular os principais setores de sua economia. A emissão começa dia 17 de maio

–55,4%

Foi a redução do prejuízo da Azul no primeiro trimestre, para R$ 324,2 milhões. A empresa apurou um resultado operacional, medido pelo Ebitda de R$1,4 bilhão, alta de 37,4% na comparação anual. A receita líquida somou R$ 4,7 bilhões, 4,5% mais que um ano antes



CRIPTOS

O JPMorgan , uma das empresas mais importantes do mercado financeiro, revelou na sexta-feira (10) que está investindo em fundos negociados em bolsa (ETFs, na sigla em inglês) de bitcoin . Os aportes ocorreram mesmo após críticas do CEO do grupo, Jamie Dimon, sobre a criptomoeda. A informação foi revelada em um comunicado do grupo à SEC, a CVM dos Estados Unidos. Eles apontam que a empresa adquiriu participações nos ETFs das gestoras BlackRock , Bitwise, Fidelity e Grayscale ao longo do primeiro trimestre.

A APPLE ESTÁ NO BANCO DE RESERVAS. POR ENQUANTO



NORBERTO ZAIET
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

A Apple está jogada às traças. Com performance negativa em 2024, o papel vem se comportando como espectador do mercado. Está no banco de reservas de um jogo que vem privilegiando toda e qualquer coisa que ande, fale e tenha qualquer semelhança com IA.

Há uma série de motivos para o mau humor: participação de mercado na China em queda, percepção de falta de inovação nos produtos e a sensação inevitável de que a empresa está mortalmente atrasada em definir e executar uma estratégia para inteligência artificial. A narrativa em vigor descreve uma empresa deitada eternamente em berço esplêndido, sem se dar conta da avalanche que vem em sua direção.

Investidores relevantes e formadores de opinião estão com posições mínimas, ou até mesmo sem nenhuma alocação no papel. Os especialistas em gráficos indicam que a posição técnica do papel é ruim, e só não é pior porque houve sustentação ao redor dos US$ 165. Os fundamentalistas acham que um múltiplo de 29 vezes P/E é um valuation esticado para uma empresa que não cresce. Os céticos acreditam que a reação recente do preço pós-resultados é somente consequência do anúncio do maior programa de recompra de ações já visto no mundo corporativo americano até agora. Mesmo Warren Buffett, que compra com a intenção de nunca vender, se desfez de um pouco de ações no último trimestre. O discurso da vez é que a Apple está perdendo o seu mojo, sua mágica, seu charme.

A decisão de descontinuar a divisão de automóveis autônomos foi bem recebida, mas deixou na comunidade de investidores uma sensação de que a empresa perdeu agilidade: demorou muito para perceber que era um projeto ruim. A saída de executivos importantes, especialmente ligados a product design também contribui para a narrativa negativa. A cereja do bolo foi o comercial da nova linha de tablets, que mostra uma prensa hidráulica comprimindo objetos que simbolizam toda a experiência cultural da espécie humana e transformando seus destroços em um iPad extrafino. A revolta foi tanta com a destruição que o comercial foi descontinuado e motivou um raro pedido de desculpas por parte da companhia. Reforçou ainda mais a sensação de que há alguma coisa de errado com a empresa de Steve Jobs.

O mercado é ansioso, e procura sinais de perigo a cada esquina. A falta de notícias boas faz qualquer informação ruim ganhar notoriedade, e uma sequência de pequenas notícias ruins criam as condições para que apareça um fantasma por dia. A verdade é que uma empresa com mais de dois bilhões de aparelhos globalmente conectados ao seu ecossistema não perde a majestade assim, de repente. O consumidor que faz parte do universo Apple não o troca pelo Android ou Microsoft voluntariamente: a base é fiel e gosta do produto.

O jogo da Apple em IA não está claro ainda, mas uma coisa é certa: não é o mesmo das outras. A Apple não compra chip da Nvidia, não depende de IA para gerar engajamento como a Meta e não quer ser mecanismo de busca para competir com a Google. Ao que parece, também não quer desenvolver o seu LLM – quer, sim, disponibilizar o LLM dos outros na sua rede de distribuição e, provavelmente, cobrar (bem) por isso.

A Apple quase nunca é a primeira a fazer alguma coisa, mas quase sempre é a melhor quando faz. Em 2007, quem mandava no mercado de smartphones era a BlackBerry, e a adoção do Iphone não foi imediata. Hoje em dia as gerações mais novas associam blackberry, corretamente, à frutinha preta cheia de gominhos.

A Apple não vai ficar de fora de IA. Não vai ficar no banco de reservas, e vai jogar como está acostumada: marcando gols. Às vezes, no entanto, até mesmo os melhores centroavantes precisam de tempo para respirar.

ARTIGO

POR LORË KOTÍNSKI*

EVENTOS CLIMÁTICOS EXTREMOS: A DURA REALIDADE QUE JÁ NÃO SE PODE NEGAR!

Ignorar a realidade do clima, depois da tragédia no Sul, deveria ser considerado crime

O Rio Grande do Sul possui uma população de mais de 10 milhões de habitantes distribuídos em 497 municípios. Enquanto escrevo este artigo, 90% do estado (o equivalente a 447 localidades) e mais de 2,1 milhões de pessoas foram duramente afetadas pelas enchentes. Não só uma: quatro enchentes em um ano. Se uma tragédia dessas, que segue ocorrendo porque as chuvas ainda continuam a castigar essa parte do Brasil, não for o suficiente para silenciar os descrentes das mudanças climáticas, é caso a ser estudado. Cientistas do mundo todo, em diversas conferências do clima, têm alertado que os fenômenos climáticos extremos serão o novo normal. E países com dimensões e diferenças de clima e geografia como o nosso, além de ser um berço de mananciais e com extensas faixas litorâneas, serão dos mais impactados por essa nova realidade.

E os dados não deixam espaço para negacionismo: em 2023, o aumento da temperatura média global atingiu 1,45 grau Celsius acima dos níveis pré-industriais, desencadeando uma série de eventos recordes. Mais de 90% das áreas oceânicas do planeta foram assoladas por ondas de calor implacáveis. Os glaciares de referência em todo o mundo registraram a maior perda de gelo desde o início dos registros em 1950. Além disso, a extensão do gelo marinho na Antártica atingiu o seu ponto mais baixo já documentado, com uma diminuição de 1 milhão de quilômetros quadrados em comparação com o ano anterior.

Se os números não convencem, vimos a olhos nus seca extrema no Norte do Brasil, em especial no Amazonas, onde todos os 62 municípios, incluindo a capital Manaus, foram afetados e tiveram prejuízos. Por lá, no ano passado, um total de 600 mil pessoas foi drasticamente afetado, com perda de platio, animais e deslocamentos de suas casas. Ainda no ano passado, o Rio Grande Sul entrava na sua então grande enchente, antes do desastre que vemos agora, enquanto o Norte rachava o solo sem uma gota d'água. Doeu e está doendo na mente, no corpo e no bolso de todos os trabalhadores. O Governo do Brasil já avisou que vai importar arroz e feijão porque as lavouras gaúchas estão submersas.

Agora, me diga, caro leitor: você duvida que estamos vivendo uma era de climas extremos e que isso está diretamente ligado ao aquecimento da Terra? Eu não duvido.

O mais recente relatório da Organização Meteorológica Mundial (OMM), lançado em março deste ano, mostrou que vivemos um caos climático. No ano de 2023, as consequências da alteração climática, impulsionadas pelo fenômeno El Niño, não apenas resultaram no registro do ano mais quente até então, mas também estabeleceram uma série de recordes climáticos preocupantes.

E a enchente do Rio Grande Sul é o pior retrato desse caos já visto no Brasil. O desastre já soma 148 vidas perdidas e R$ 8,6 bilhões de prejuízos, cifra esta apresentada pela Confederação Nacional dos Municípios (CNM) na semana passda. Além de um insomável custo real: o lar das pessoas, a mortes de centenas de animais, as rotinas das famílias (até então seguras) e o futuro. Com um olhar mais apurado se pode enxergar que este não é um fato isolado e que mais tragédias virão no mundo todo. Somente este ano foram enchentes e prejuízos na França, Espanha, China, Canadá, Cazaquistão, Madagascar, Arábia Saudita, Afeganistão e Irã.

O que se espera, a partir de agora, mesmo diante do cenário de devastação e da necessidade de salvar pessoas e animais, é que as autoridades brasileiras encarem este desastre como um marco para iniciar — ainda que tardiamente — uma política perene e efetiva, independentemente de partidos políticos ou mandatos. Será preciso prever e planejar o enfrentamento às mudanças climáticas, minimizando suas consequências e garantindo a vida de todos os cidadãos e animais deste País.

O Brasil, onde apenas um dos mais de 500 parlamentares destinou recursos de emenda para a situação de mudanças climáticas, é um País de políticos de costas viradas e olhos fechados para uma situação real, que literalmente bate à nossa porta, invade nossas casas e leva nossas vidas. Apenas neste ano o Senado Federal criou uma comissão mista para discutir as mudanças climáticas, ainda sem resultados concretos.

Diante disso tudo, emerge um pergunta, que não pode mais ser silenciada: até quando? Até quando estaremos correndo atrás do prejuízo, em vez de usar a ciência para prever riscos e minimizar os danos causados pelas mudanças climáticas? Ignorar essa realidade, nesse cenário, deveria ser considerado crime. S

**LORË KOTÍNSKI é fundadora e CEO da LLK Consulting, pesquisadora em ESG e especialista em plataformas digitais.*



PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

16

50 ANOS DE HISTÓRIA DA DISCO MUSIC
Tocando seus maiores sucessos como:
YMCA / Macho Man / In the Navy / Go West / San Francisco (You've Got Me)



O único e inigualável: Village People

TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
DJ DOMENICO GATTO

17 DE MAIO - 22H

L



NOVO SHOW

18 DE MAIO - 11H E 16H

16

TREN convida:
ANDREAS KISSER (SEPULTURA) ● NASI (IRA)
LOBÃO ● BACALHAU E MARCOS KLEINE (ULTRAJE)
FERNANDO MAGALHÃES (BARÃO VERMELHO)
PG, ROMAN E BAÍA (TIHUANA) ● LANDAU
DIGÃO (RAIMUNDOS) ● MAGAL (BIQUÍNI)
LUIZ CARLINI E SOL (TUTTI FRUTTI)
BADAUÍ (CPM22) ● JÃO (RATOS DE PORÃO)
AMÍLCAR CHRISTÓFARO (MATANZA RITUAL)



TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
DJ ALE PORTILLO

23 DE MAIO - 21H
Abertura às 19h

16



TOKIO MARINE SEGURADORA APRESENTA:
PALCO NOVOS TALENTOS
PRÉ E AFTER SHOW
MATEUS E CRISTIANO

24 DE MAIO - 22H

18



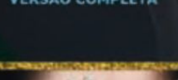
FERNANDA TORRES EM
A CASA DOS BUDAS DITOSOS

30 E 31 DE MAIO, 01 E 02 DE JUNHO
5ª, 6ª e Sáb - 21h30 / Dom - 19h00

Texto JOÃO UBALDO RIBEIRO Direção DOMINGOS DE OLIVEIRA

16

BALLET CLÁSSICO DE SÃO PETERSBURGO



O LAGO DOS CISNES
VERSÃO COMPLETA

06 DE JUNHO - 21H30

16

BEM MAIS QUE OS MEUS 20 E POUCOS ANOS
FÁBIO JR.

08 DE JUNHO - 22H

16



PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
JANNIFER BATTEN

22 DE JUNHO - 22H
23 DE JUNHO - 19H

Cia. Aérea Oficial:



Mídia Partner:



Apoio:



shift



CRISTÁLIA
Sempre um passo à frente.

Realização:





